



Publicado por:

Nova Casa Editorial

www.novacasaeditorial.com

info@novacasaeditorial.com

© 2020, Yatnna Gabriela Montilla

© 2020, desta edição: Nova Casa Editorial

Editor

Joan Adell i Lavé

Coordenação

Silvia Vallespín

Capa

Vasco Lopes

Layout

Daniela Alcalá

Tradução

Louriene Fagundes

Impresión

PodiPrint

Foto da capa

Flóra Soós / Flickr

Primeira edição: **Janeiro do 2020**

ISBN: 978-84-17589-29-5

Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação desta obra somente pode ser feita com a autorização de seus titulares, salvo conforme previsto na lei. Dirija-se a CEDRO (Centro Espanhol de Direitos Reprograficos) se precisar reproduzir, por meio de xerox ou escaner, algum fragmento deste obra (www.coli-cencia.com; 91 702 19 70 / 93 272 04 47).

GABRIELA MONTILLA

NADA



Nova Casa Editorial



ÍNDICE

- | | | | | | |
|-----|---------|------------------------------|-----|---------|---------------------|
| 9 | CAP. 1 | Três vezes | 161 | CAP. 16 | Adoecer de amor |
| 21 | CAP. 2 | Algo | 173 | CAP. 17 | Posso te fazer mal |
| 29 | CAP. 3 | Muito perto | 187 | CAP. 18 | Pessoa favorita |
| 41 | CAP. 4 | Pode ser que goste
de mim | 205 | CAP. 19 | Mariposa azul |
| 51 | CAP. 5 | Desejo | 219 | CAP. 20 | Erros |
| 61 | CAP. 6 | O encontro | 237 | CAP. 21 | Frio |
| 69 | CAP. 7 | Alimentar os
rumores | 253 | CAP. 22 | Fuligem castanha |
| 79 | CAP. 8 | Desaparecido | 271 | CAP. 23 | Mau presságio |
| 87 | CAP. 9 | A briga | 283 | CAP. 24 | Nas minhas veias |
| 95 | CAP. 10 | O seu cheiro | 301 | CAP. 25 | Palavras malditas |
| 105 | CAP. 11 | Marcas de amor | 313 | CAP. 26 | A espingarda de Jim |
| 113 | CAP. 12 | Foder-te a vida | 331 | CAP. 27 | Gritar os segredos |
| 123 | CAP. 13 | Jeans apertado | 345 | CAP. 28 | Não te amo |
| 135 | CAP. 14 | Pó branco | 365 | CAP. 29 | Sabotagem |
| 149 | CAP. 15 | Nação obscura | 379 | CAP. 30 | Cinzas |
| | | | 399 | CAP. 31 | Dor egoísta |
| | | | 417 | CAP. 32 | Voando no nada |




É uma obra virgem, literalmente virgem e original, porque vem da mente de uma adolescente que expressa sem pudores às sensações e emoções que surgiram da sua imaginação, causados pelo ambiente em que se desenvolveu nos primeiros anos da sua vida.

A construção da história faz corar os leitores da mesma geração do que escreve essa opinião, ao mesmo tempo em que revelam experiências e emoções impressionantes da adolescência de uma menina que é quase uma mulher. Para os contemporâneos e jovens, constitui uma tocha que ilumina e revela tabus que apenas subjazem na imaginação negadora da realidade das nossas sociedades.

Foi definida como “uma história muito especial, dura, simples, crua e muito humana”.

“Nada” é como um elixir que cativa e liberta ao mesmo tempo, mas que no final o conduz a beber até a última gota de seiva.

Escritores como Gabriela Montilla são seres excepcionais, de sensibilidades altas e profundas, que costumam aparecer na história de tempos em tempos, as suas inspirações tendem a agitar a consciência da sociedade, produzir reflexões profundas, deleitar os espíritos e orientar os mais nobres a fazer grandes transformações na humanidade.



Em cada capítulo, a sua estrutura prosaica plana e forte, é como uma sinfonia cativante, a forma como une as palavras e a liberdade com que as diz, faz fluir a narração da história harmoniosamente, os dramas de repente podem levar a uma comédia e vice-versa, é uma mistura magistral que desafia a imaginação. “Nada” é a obra de excelência sobre as primeiras virgindades do século XXI.

Convido a todos os que leiam este prólogo a atreverem-se a fazer parte da conexão de “Nada”, que é o começo de Tudo.

REPÚBLICA DOMINICANA,
LEONCIO AMÉ DEMES.

CAPÍTULO 1

TRÊS VEZES

Está brincando com ela, o jeito como se ri entre dentes, como a olha e como se movimenta. É porque agora não a olha nos olhos. Ele sabe que o que está fazendo é errado. E ela também. Mas que importa? Ao mundo nada importa, se algo está errado, sempre seguirá o seu curso, porque nós mesmos somos culpados pelo que acontece o tempo todo.

Quando tudo termina, como agora, pode ser que ele se levante e fume um cigarro, ou pode ser que ele lhe peça para ir embora porque já está tarde.

Hoje, Valéria não tem vontade de se levantar. Na verdade, sente que vai chorar, contudo não pode, porque se chorar ele pensará que é por causa dele e não é assim. O problema que a atormenta não tem nada a ver com ele.

Ele está olhando para o teto enquanto respira. Valéria morre de frio. Precisa de calor ou precisa de se se cobrir.

—O que tem? —pergunta-lhe. Ela não responde nada—. Valéria... Magoei-te?

Ainda que tenha se passado dois meses que tivessem a mesma rotina, Valéria algumas vezes dizia que doía, para que não fosse bruto, porque assim ela não gostava. Nem sequer sabia como gostava, era algo frívolo e ao mesmo tempo normal, não era algo que

pudesse definir como gosto. Como tudo na sua vida, não havia nada que pudesse decidir na realidade.

—Valéria... —Volta a chamá-la pelo nome, mas ela não olha. Ben molha os lábios e toca na bochecha de Valéria com os dedos—. Valéria o que tem hoje? —Volta a perguntar.

—Tenho que ir embora —diz e senta-se na borda da cama para apanhar sua roupa do chão. Ela não quer fazer, todavia. Fica ali, sentada olhando para o chão.

O Sombra desliza os seus dedos pela coluna de Valéria, os seus ossos são tão proeminentes que por um segundo o fazem recordar a fragilidade daquele corpo e de como supunha que deveria se sentir culpado por fazer isto com ela.

Ao sentir os dedos congelados do Sombra nas suas costas, Valéria pensou no frio que tinha. Acabou de se levantar e vestiu-se de novo. Ele não levantou para se despedir dela, ela tampouco esperava que ele o fizesse. Tudo era uma rotina completa e os dois sabiam, mais ou menos, como era.

Valéria saiu da casa do Sombra às onze da noite e enfrentou os ventos de outono, que muito rapidamente foram substituídos pelos de inverno. Tinha frio e fome, enquanto caminhava preguiçosamente, decidiu olhar com atenção para a calçada por onde caminhava e não pisar nas gretas que nele havia.

Nem sempre foi assim, antes o Sombra e Valéria nunca tinham tido qualquer contato físico e qualquer conversa que tenham tido quando criança ficou enterrada no passado, quando ele se tornou aquilo que é agora, uma sombra.

Seja como for, tudo começou com as más companhias, ainda que Valéria não lhes atribuísse totalmente à culpa, ela tinha sucumbido, agora se sente atada a um nó invisível, que na verdade não existe.

Nina é a melhor amiga de Valéria, desde que existe memória, no bairro é conhecida como uma “menina descolada” e também todas as meninas do bairro são assim conhecidas.

Numa noite, enquanto uma das meninas, que Valéria jurava ser mais nova dois anos, contava as suas experiências, Rose pergunta repentinamente para Valéria:

—E você? Como foi a sua primeira vez?

—Qual primeira vez? A Val nota-se que ainda “tem os três”.

Algumas se riram.

—“Ter os três”? —perguntou curiosa e confusa—. O que é isso?

—Elas querem dizer que nem sequer foi tocada —esclareceu Nina—. Meninas, Val é a salvação deste bairro. —Levantou a voz e girou os olhos.

Todas riram de novo, menos Valéria.

—Como faço para “perder os três”? —perguntou. Há três semanas Valéria tinha apenas dezesseis anos e queria ser igual às suas vizinhas para encaixar no grupo, era isso ou aborrecer-se em casa entregue as traças.

—Faça sexo com alguém, óbvio! —ordenou Rose.

—Pode ser com alguém do bairro e depois nos conta como foi —disse outra.

Nina ajeitou o sutiã e olhou de rabo de olho para Valéria, que tinha uma expressão de medo engraçada.

—É sério que vocês pensam que a minha Val vai fazer sexo assim por fazer? Não o fará, é demasiado ingênua. —Nina fez uma careta com os lábios.

—Claro que posso, Nina não me subestime —respondeu voltando-se para sua amiga—. Digam-me vocês quais são as opções?

Rose sorriu com malícia enquanto trocava olhares com Argentina. Argentina era mais velha que Valéria e era a principal responsável por incutir todas as manhas às meninas ali presentes.

Era uma espécie de professora, que fazia primeiro as coisas para depois as outras a seguirem.

—Ali está o Mário, o Héctor, talvez o Ramirez —dizia Argentina enquanto os assinalava. Eles estavam sentados na mercearia enquanto elas permaneciam quase em frente, sentadas na calçada, a poucos metros deles—. Olha aquele ali, Gregório, é uma besta, recomendo-o, e aquele outro ali de gorro é o “Sombra”, também poderia ser ele.

—Diga que quer “perder os três”, eles vão entender.

Rose encarou-a com o objetivo de persuadi-la, um sorriso que fez Valéria pensar que isso era o melhor.

—Agora? —Engoliu saliva e olhou para eles. Conversavam sentados em banquinhos e outros estavam jogando dominó.

—Não, claro que não, decide qual deles você quer. Mais pergunta logo, faz o que tem que fazer e depois nos conte como foi.

Argentina deteve-se na calçada:

—E se não “perder os três” não fale mais comigo.

—Nem comigo. —Rose se levantou, olhando-a com desprezo.

As outras meninas levantaram-se, exceto Nina.

—Não ligue para elas, Valéria! Estão loucas. Fica assim para sempre, ainda não está pronta. Querem que você se foda, assim como elas estão. Vai para casa. —Nina, depois de dizer isto, levantou-se e despediu-se com um abraço. As outras meninas afastavam-se naquela direção, provavelmente para casa de Marian, e Nina correu atrás delas.

Valéria levantou-se do passeio e dirigiu-se até a mercearia. Lá, olhou para a cara de cada um deles e simplesmente não queria que nenhum lhe tocasse. Depois de estar parada tanto tempo olhando para eles, um deles disse:

—E você, o que tanto olha magricela?

—Nada —respondeu rapidamente com voz hesitante.

—Perdeu alguma coisa, pequena? Tem fome?

Todos riram. Valéria media um metro e sessenta e nove, era mais alta do que dois deles, além disso, por ser alta notava-se ainda mais sua magreza. O seu aspecto físico era tão leve como uma pena, por isso dava-lhe medo os corpos dos rapazes que ali bebiam. Podiam destruí-la.

Quase todos se conheciam desde pequenos, por isso sempre que tinham oportunidade gozavam dela. Faziam-no com frases feitas e com duplo sentido que Valéria não conseguia ainda entender. Foi por isso que ela sorriu timidamente, porque se supunha que ela não se ofenderia pelo fato de eles estarem gozando dela, eram vizinhos do mesmo bairro.

Houve um que não riu e esse foi o Sombra. Valéria o conhecia, mas não muito bem. Pensou que deveria perguntar a ele ou ao Gregório, e ficou olhando para este último até que outro falou.

—Não olhe para ele que não há nada de bom aí para você —Aconselhou-a com um sorriso gozado e todos voltaram a rir.

—Não ligue para eles, Valéria. —Gregório, que sempre tinha sido simpático com Valéria, ofereceu-lhe um sorriso—. Mas, precisa de algo? Está tarde e devia estar em casa.

Valéria assentiu várias vezes, estava tarde, devia estar em casa, deu meia volta e foi-se embora.

Na semana seguinte Valéria começou a investigar mais sobre o Sombra, pois decidiu seguir o conselho do rapaz que lhe tinha dito que o Gregório não era bom para ela. Averiguou se o Sombra tinha namorada, aparentemente não tinha. E com o tempo livre depois da escola, agora que as outras meninas do bairro a deixaram de lado, pôde averiguar onde ele vivia, ainda assim não tinha coragem de lhe pedir.

De todas as formas, por que tinha de ser tão difícil? Valéria só tinha que dizer que já tinha feito e elas iriam aceitá-la de novo.

Assim o fez. E elas toparam. Disseram-lhe que quando alguém “perde os três” todas as pessoas percebem. Isso assustou tanto Valéria que ficou mais de dois meses sem amigas no bairro.

Então foi à casa do Sombra, com uma saia curta azul-celeste e blusa de alças cor-de-rosa.

—Que faz aqui? —perguntou ao abrir a porta.

—Pode-me “tirar os três”, por favor? —perguntou Valéria com voz tímida.

Sentia-se sem graça porque o Sombra a olhou de cima a baixo, espantado, e depois foi fechando a porta na sua cara. Ela colocou sua mão para evitar que isso acontecesse.

—Por favor. —A sua voz saiu trêmula.

—Você não sabe o que está falando, ou sabe?

—Claro que sei. —Abriu os olhos para que ele entendesse que sim, que ela sabia.

—E é virgem?

—Sim.

—Isto é algum tipo de brincadeira?

—Não.

—Ah, já entendi tudo, foi disso que nos falou Rose e Argentina há um mês e meio. Andam todos dizendo que você pediu isso. Que número sou eu? —instigou.

Valéria corou a face e as suas orelhas ardiavam, todos pensavam isso dela? Sério?

—Só pedi a você.

O Sombra observou por uns segundos. Valéria não era o tipo garota que ele gostava, era uma menina que, sem ter o cabelo solto pelos ombros e sem o batom, que tinha colocado, parecia um rapaz magro sem massa corporal.

Pensou nisso enquanto a observava, tirar a virgindade de uma das meninas do bairro, ainda que soasse mal, não era tanto assim. E passara um mês sem nada de sexo na sua vida, por motivos

alheios à sua vontade. E se ele não fizesse, a menina, Valéria, podia fazer com outro qualquer, como o Ramírez, e ele não ia importar que fosse sua primeira vez ou não.

Respirou fundo.

—Vou cagar se depois você se arrepender ou se sua mãe vier se queixar.

Valéria sentiu medo e pensou em voltar atrás. Não gostou do seu tom de voz.

—Entra garota —insistiu.

Ela entrou na casa. Lá dentro estava quente e aparentemente limpo. A decoração centrava-se num pequeno móvel e uma mesinha, uma cozinha com forno e um armário por cima, frigorífico de um lado e umas gavetas por baixo, também uma pequena mesa com quatro cadeiras. Havia uma porta fechada, como se não a tivessem aberto durante muito tempo.

A tinta das paredes era de cor maçã verde tão clara que não parecia verde, mas sim acqua. Não havia rachaduras e, por ser o Sombra vivendo ali sozinho, tudo estava muito bem organizado. Como se ninguém vivesse ali, na verdade.

Em cima do fogão havia uma panela. O Sombra apagou o fogo e depois olhou para Valéria. Ela afastou o seu olhar do olhar dele.

Sabia que ele estava se aproximando dela. Quando o Sombra a empurrou levemente pela cintura até o seu quarto, sentiu-se tão nervosa que pensou que ia vomitar. Não podia ser, pensava, na verdade ia fazer “isso” pela primeira vez e sem estar apaixonada.

Enquanto o Sombra tirava o cinto e desabotoava as calças, pediu Valéria para se deitar e ela assim o fez.

Ele se ajoelhou no colchão e perguntou:

—Vai ficar vestida?

—Não ss-sei... —A sua voz tremia e já estava arrependida.

Como poderia saber o modo como ia querer algo que nunca tinha feito antes?

O Sombra baixou a sua saia com facilidade. Valéria se sentiu estranha quando o seu corpo esteve tão perto do dele e quando a boca dele tocou na pele sensível do seu pescoço. As mãos dele tocavam nos seus seios, como se ela tivesse dado autorização. Por segundos pensou em bater nele. Que demónios estava ele fazendo? Isto não era o que ela queria. O que realmente queria era a aceitação do seu grupo de amigas, ainda que fosse por uma vez.

E se para isso tinha que passar por este momento incômodo, tudo bem. Isso se supunha.

Fechou os olhos, sentiu vontade de gritar quando percebeu uma protuberância roçando na pelve, mas só apertou mais as suas pálpebras. Quando o Sombra baixou sua roupa íntima o ar escapou dos seus pulmões e só apertou o lençol com os seus dedos. Sentia-se como uma pedra.

—Abre as pernas. Como espera que o faça se está mais dura que uma rocha?

Valéria abriu os olhos e observou-o, os seus olhos estavam escuros e o seu cabelo à vista, sem o gorro. Nessa época, o corte que tinha era quase curto e o seu cabelo era castanho escuro. Seja como for, Valéria não abriu as pernas e o Sombra fez por ela, afastando uma para cada lado.

Nesse momento, no preciso momento em que Valéria deixava a sua inocência para trás, não podia pensar em mais nada exceto na dor pungente que estava sentindo e no grito desesperado que a sua boca tinha deixado escapar. Cravou as unhas com tanta força nas costas do Sombra que este parou para se queixar. Com a unha arrancou um pedaço de pele e isso sem ele sequer se mover como gostaria dentro dela, não tinha feito praticamente nada, estava dando-lhe tempo para se acostumar à nova sensação.

A única que ela sentia era ardor.

O Sombra franziu a sobrancelha, observou-a como se com os olhos fizesse mil perguntas, e as unhas dela ainda não tinham soltado suas costas lastimadas.

—Me Solta, não vou me mexer.

Valéria tratou de abrir os olhos para se encontrar com os dele, porém quando o fez, os olhos estavam nublados, chorosos. Soltou as suas costas e tratou de se relaxar, mas não conseguia, sentia como se tivesse um corpo estranho dentro dela e se incomodou com a proximidade dos seus corpos.

O Sombra moveu-se lentamente e depois acelerou. Valéria, aferrando as unhas, voltou a agarrar as suas costas. Era como se quisesse que ele sentisse a dor que ela experimentava a cada pequeno movimento.

—Valéria foda-se, não era o que você queria? —perguntou com irritação na cara.

Valéria começou a chorar de verdade.

—Não, não quero, por favor, para. Dói. Isto é horrível.

O Sombra ignorou sua queixa e moveu-se de novo. Valéria suplicou para que ele parasse. Era um mar de lágrimas e ele não suportava a culpa. Tinha sido estúpido, era óbvio que não ia desfrutar com a novata se não lhe tampasse a boca e continuasse, entretanto, o Sombra não era capaz de violar uma menina do bairro, isso implicaria fugir e ele não queria, gostava demais de viver ali.

E por isso parou e, antes que Valéria pudesse notar, ele já não estava ali, em cima dela, roubando todo o seu ar e causando dor.

Não estava.

Não soube onde ele foi durante esses segundos e não se importou.

A sua mente estava concentrada nas dores que sentia e nas lágrimas estúpidas que afogavam os seus olhos. Além disso, sentia-se suja e mal consigo mesma.

Nessa época Valéria não pensava em fazer sexo, nem sequer lhe interessava, todavia, viver essa experiência. Ela se considerava uma criança..., mas depois dessa noite não estava segura se ainda era.

Ainda sentia a dor que o corpo do Sombra tinha deixado nela e já tinha passado quase uma hora.

Levantou-se dali e viu o fluxo de cor carmim seco na parte onde estava deitada.

Valéria vestiu-se de novo com as mãos tremendo e saiu do quarto do Sombra, com a cara já seca e tendo o cuidado para que seu andar não se alterasse em nada.

O Sombra estava sentado num pequeno sofá que tinha ali, já vestido. Quando viu sair do quarto olhou-a, chateado, podia insultá-la por ser tão estúpida, disse-lhe:

—Quando volta? Não pensou que ia me deixar no meio do caminho, ou sim? Arruma as suas coisas, se prepara mentalmente e volta. —Era algo que feria o seu orgulho viril. Como ia deixar algo inacabado?

Além disso, havia algo entre a razão e a loucura que o fazia querer tentar de novo.

—Não voltarei a fazê-lo nunca. —Valéria estava decidida e o Sombra notou na sua voz que ela estava de novo quase chorando—. Já não sou virgem e não preciso de você.

O Sombra levantou do sofá e aproximou-se de Valéria. Ela virou o rosto, pois não queria encará-lo. Era como reviver a dor de novo.

Ele a agarrou pelo pulso para que ela prestasse atenção, sentiu o quanto era magra e que apenas com a sua força poderia quebrar-lhe um osso, recordou o quão vulnerável ela era na realidade.

—Volta...

—Por que quer que eu volte se não posso fazer isso? —perguntou aguentando o que quer que fosse que ameaçava sair da sua boca. Era como uma espécie de choro perturbador, mas segurou.

—E porque não pode fazer?

—Porque dói e não sou masoquista.

—Não vai doer mais Valéria. Isso só aconteceu porque era sua primeira vez e talvez eu não tenha sido muito cuidadoso.

Duas vezes. Tinha a chamado pelo nome duas vezes. Ele sabia o seu nome e sabia quem ela era. Como faria Valéria para encará-lo de novo na rua? Nem sequer pensou nas consequências?

O Sombra aproximou do seu rosto, que ela mantinha afastado olhando para o chão, e disse:

—Depois não pedirei novamente, nem contarei a ninguém que chorou como um bebê, nem que me pediu primeiro, nem sequer falarei contigo fora daqui.

Valéria o olhou. Deus, porque tinha dado ouvidos à Rose e Argentina? Não queria voltar a fazer, queria fugir e fugir o mais rápido possível. Que a terra a engolisse e não voltar a sentir-se assim nunca mais.

Tentou evitar que ele a agarrasse, mas ele a apertou mais.

—Responde.

—Está bem, Sombra —disse em voz baixa enquanto subia o olhar.

—Ben, meu nome é Ben, esse é o meu nome Valéria.

Três vezes.



CAPÍTULO 2

ALGO

“Valéria” é o único que sempre a chama assim, com esse tom de voz, sempre, como se necessitasse dela, como se ela fosse parte vital da sua vida. Como é que consegue mentir tão facilmente? Onde aprendeu a fingir tão bem?

Valéria chega à sua casa com uma dor de cabeça. Na cozinha apenas há um chocolate morno e duas bolachas grandes de farinha que sua mãe deixou para o jantar. Tudo estaria em silêncio não fossem as respirações pesadas dos seus irmãozinhos que dormiam no quarto.

Senta numa cadeira de madeira que está na sala, antes tinha quatro cadeiras e agora só tem três, porque a madeira podre fez com que uma delas cedesse. Depois de molhar a bolacha no chocolate e de terminar de beber, procura sua roupa de dormir e estende um lençol no chão.

Havia muitas razões para que, Valéria, depois da segunda vez, continuasse a ir à casa de Ben. A primeira é que depois de Valéria regressar pela segunda vez, não doeu tanto e nessa vez ele beijou sua boca. Seu primeiro beijo. Isso fez ela se sentir querida. Era como dar uma bofetada em seu pai, quem uma vez lhe disse quando se foi: “e você nunca será desejada por um homem”. Além disso, sentia uma sensação tão intensa que os dedos dos pés se esticavam, nem sequer podia manter o beijo.

Assim, depois da terceira vez voltou e sem dizer nada e ele tampouco perguntou. Não sabia como, mas foi tudo diferente e voltou a chorar. O Sombra converteu-se num monstro e estava atacando-a.

Fez com que parasse.

—Valéria... Porque chora agora? —perguntou depois de uns segundos.

—Choro porque me dói.

E não era mentira, tampouco era verdade. Simplesmente incomodava a rapidez, perturbava-a e fazia dizer coisas que nunca imaginou que a sua boca dissesse, além disso, por vezes a atitude dele dava-lhe medo. De vez em quando o Sombra dava-lhe muito medo... de que se convertesse num monstro e a atacasse outra vez. Assim, descobriu que se dissesse ao Sombra que doía, ele ficava mais carinhoso e mais atento. Era como ele se transformasse em alguém doce e próximo e não o Ben frio e distante de fora de sua casa.

E então, voltou outras vezes até ele, durante todo o mês passado e o início deste. E ele sempre foi carinhoso, beijava-a, partilhava o jantar com ela, conversavam e algumas vezes permitia que ela dormisse com sua coberta.

No entanto, não eram nada. Era muito fácil esquecer que o rapaz que agora estava ouvindo música, com calças muito largas e gorro para trás, era aquele que a beijava no pescoço suado durante as noites.

Não falava e dificilmente a olhava.

Valéria não se atreveu a dizer a ninguém como tinha sido sua primeira vez. Ficava envergonhada por ter sido tão covarde e mais ainda quando perguntou a Nina:

—Doeu sua primeira vez?

—Se doeu? —repetiu—. Óbvio que sim, mas me deixa eu te contar, eu só apertei a língua e deixei-me levar, a dor sumiu depois.

É tudo psicológico, é que está fechada e alguém abre óbvio que vai doer primeiro. Por que pergunta? Ainda pensa no desafio da Rose e Argentina? ... Sério, espero que tenhas esquecido isso, sou sua amiga e não precisa fazer nada para falar comigo. E se eu vou a algum lugar, você pode ir também, mesmo que elas estejam lá. Não vão te comer.

Nunca o fez.

Valéria desejou que ela tivesse dito isso antes, ou então que tivesse demonstrado, todavia era muito tarde, ela nunca ficou com Valéria quando ela estava sozinha, nem continuou andando com ela como tinha prometido.

Uma vez pensou que o Sombra ficaria envergonhado de dizer aos amigos que eles estavam juntos, porque uma vez, mais ou menos, disse-lhe isso. E da parte de Valéria estava bem, ela também não queria dizer que o Sombra tinha “tirado os três” dela.

O chão está frio e mais duro que o normal. Comparado com a cama do Sombra tudo é diferente, lá tem almofada e não lençol dobrado para que sua cabeça não fique no chão.

Valéria, habitualmente, dorme com os seus irmãozinhos, mas quando fica com o Sombra ela pensa que não é boa ideia partilhar cama com eles, faz só no dia seguinte. Porque se sente impura e não quer contaminá-los com sua impureza.

Valéria dorme de barriga para baixo para evitar que suas costas doam e fica pensando no Ben. Faz isso quase todas as noites. Pensar. Em tudo o que acontece no dia, até se culpar por algo que anda mal, até adormecer.

No dia seguinte os irmãozinhos de Valéria, Carlitos e Carol, já estão acordados e bebem um chocolate de água como café da manhã. Valéria dirigiu-se para um pequeno banheiro e escovou os dentes em frente ao pedaço de espelho que há em cima da pia.

Antes não era assim, era um espelho lindo que sua mãe ganhou num concurso de arroz doce que teve em uma feira de doces. Porém depois da briga que seus pais tiveram, o pai de Valéria bateu no espelho e partiu parte dele em mil pedaços. Ela lembra que limpou os pedaços de espelho enquanto sua mãe tranquilizava os dois irmãozinhos para que parassem de chorar.

Cospe no lavatório como se estivesse cuspidando na cara ao passado.

Entra no banho e depois sai enrolada na sua toalha. Procura o seu uniforme e veste a saia cor caqui que fica um pouco curta, não porque gostasse, mas sim porque Valéria cresceu rapidamente depois de que atingiu os quinze anos, sua família não dispunha de dinheiro para mandar fazer uma maior. Vestiu a camisa branca, os sapatos de tecido e meias até ao joelho. Odeia as meias até ao joelho, destaca suas canelas faz suas pernas parecerem mais finas.

Não podia fazer muito, a companheira do pé de meia-comprida perdeu-se e não conseguia encontrá-la. Procurou por todas as partes até cansar.

Valéria leva os seus irmãos até a escola pública que estudam, ela, por outro lado, estuda numa escola privada e precisa se manter ali até concluir o ensino secundário. Possui uma bolsa de estudos, todos os seus esforços estavam orientados para não perder a bolsa e assim terminar a escola.

—Imaginem que vocês se casaram e não entregam ao seu marido a oferta da sua castidade.

“Eu não vou me casar”. Pensa Valéria enquanto bate com o lápis na carteira da escola. Valéria acha que o casamento, mesmo sendo um mandamento de Deus, é uma perda de tempo, ou pelo menos é aquilo em que o casamento se converteu.

A professora de educação sexual explica que deve oferecer isso ao seu cônjuge com o qual ficará por toda a vida, mas até onde ela sabe sua mãe e o seu pai não estão juntos.

Também não sabe se os dois chegaram virgens ao casamento.

—Como é que vocês conseguem entregar o seu corpo a um desses rapazes que depois não são capazes de olhá-los nos olhos?

Valéria não olha para os olhos do Sombra na rua porque supõe que ninguém suspeite que entre eles exista algo.

“Algo”. Não há nada.

—Vocês pensam que o mundo acabou e depois eles saem por aí dizendo tudo o que fizeram com vocês, coisas como “essa sim é puta” ou “não se dá ao respeito” e “fiz-lhe de tudo”.

Não acha que o Sombra seja capaz de fazer isso. Ele próprio disse que não diria a ninguém para não ficar mal. Além disso, Valéria não é como Argentina ou Rose, ela deita apenas com o Sombra.

Os seus pensamentos giram em torno do Sombra durante metade do tempo das aulas, isso faz com que ela deixe cair à cabeça na carteira enquanto tenta abafar a voz da sua professora e as constantes desaprovações dos seus colegas sobre o que ela dizia.

Não que Valéria possa fazer algo. Já fez e agora não há mais como voltar atrás, os seus encontros com o Sombra são tão rotineiros como a necessidade do ser humano de beber água.

—Algumas meninas recorrem a isso porque necessitam de amor paterno. Mas, crianças, esperem. As relações sexuais precoces, além de vocês não estarem preparadas, pode trazer uma gravidez indesejada, e isso prejudicaria sua vida nessa idade. O mesmo serve para os rapazes, prestem atenção onde enfia a sua coisa, ok?

Valéria levanta a cabeça e o corpo da carteira. Ainda lhe doíam. Por isso tinha se comportado assim com o Sombra na noite passada. E não pensa voltar até solucionar o problema.



Está com uma dor insuportável. Os seus seios estão inchados e duros. Podia ter perguntado à sua mãe o que estava acontecendo com o seu corpo, mas isso dá pânico em Valéria. Tudo o que está relacionado com a sexualidade e mais ainda ter que falar disso com sua mãe.

O que acontece se ela notar que sua filha não é mais virgem? O que vão dizer na igreja? No colégio? Os professores? Todo mundo vai julgá-la e abandoná-la.

Assim Valéria prefere quebrar a cabeça com suposições. Por um momento pensou que fosse uma DST, entretanto não se atreveu a perguntar ao Sombra, não se atreve a perguntar nada fora do comum.

Na saída do colégio um dos colegas de Valéria, Martin, comentou que ela estava entrando na puberdade e começou a se tocar nos peitos simulando serem os de Valéria.

Valéria ignorou-o e fez de conta que não ouviu. Queria bater nesse moleque o mais forte possível. Ela não suporta as alterações no seu corpo, que para o seu azar, tinham começado muito mais tarde do que nas outras.

No quinto ano todas as meninas tinham começado a formarem o corpo, Valéria não tinha nada. E agora que todas eram moças já formadas, Valéria ainda não era. Quando chegou em casa, os seus irmãozinhos já estão lá e têm fome. A mãe de Valéria, Claribel, cozinhou arroz e frango. Agora que Valéria chegou podiam começar a comer em família.



De tarde, Valéria foi à mercearia comprar o jantar. Quando estava chegando, viu que o Gregório estava lá, que todos os outros rapazes estavam lá, menos o Sombra, e sentiu-se terrivelmente decepcionada... ele é uma das principais razões pela qual ela gosta



de ir à mercearia... ainda que seja para vê-lo em outra ocasião que não seja em sua casa a altas horas da noite.

Entrou na mercearia e pediu o que tinha ido comprar. Quando estava saindo, entrou o Sombra, e nesse momento esqueceu-se de como andar, como se os seus joelhos não soubessem como aguentar o resto do corpo, nem sequer como dar um passo.

—Preciso falar contigo —disse com voz imutável, sem nenhuma expressão ou pressa. Apenas disse e depois continuou a andar na direção das prateleiras.

Valéria olhou em volta, não há ninguém, disse para si mesma, “por isso que falou comigo, não há ninguém com exceção do senhor que atende, com ele não nos importamos”.

Depois de uns segundos, sai da mercearia. O que poderia o Sombra querer falar com ela? O que seria tão importante para que ele dirigisse a palavra a ela fora de casa? Pensou nisso durante todo o caminho, inclusive quando chegou em casa e começou a tratar dos seus afazeres.

Depois de terminar foi à casa do Sombra e nem sequer se perguntou o que fazia ali tão cedo. Tampouco questionou porque se sente forçada a ir, porque podia voltar, mais ainda, porque devia ir? Não queria ir agora, queria estar em casa e aproveitar que sua mãe e as crianças estavam acordados para poder dormir na cama... mas na casa do Sombra também havia uma...

Valéria ia e voltava, qualquer um que a visse ia pensar que estava louca.

—Vai a algum lugar, Val? —Nina trazia umas fronhas na mão e parou ao ver Valéria de longe.

Deteve-se e olhou para Nina. Agora não poderá saber o que é que o Sombra quer dela.

Não pode dizer a Nina para onde ia.

—Não... sei... ia dar uma volta... mais ou menos. Por quê? Quer me dizer alguma coisa?

Nina revirou os olhos como se suspeitasse de algo. Valéria ro-
gou para que não continuasse com as perguntas.

—Há uma festa na casa da Marian com os rapazes do bairro,
todos vão. Você vai?

Valéria pensou por um tempo, por que razão iria à festa se as
meninas não iam se juntar a ela? E Nina sempre a deixava só.

—Não me convidaram, Nina.

—Estou te convidando. —Abanou a cabeça.

Valéria pensou por alguns segundos.

—Talvez eu vá, vai depender do que me disser Claribel. Precisa
levar alguma coisa?

—Não. Mas você devia ir, disseram que Gregório anda atrás de
ti. Isso pode te ajudar com as meninas. —Sorriu.

Depois deu a volta para seguir o seu caminho.

—De mim?

O Gregório? Ele sempre tinha sido amável com ela, porém nem
sequer chegavam a ser amigos o suficiente para que ele estivesse
interessado nela. “Nunca demonstrou”, pensou Valéria.

—De você.

O coração de Valéria acelerou, o Sombra e o Gregório eram
amigos, muito mais unidos do que qualquer um dos outros rapa-
zes. Por que não o Sombra a perguntar por ela? Ficaria muito mais
contente com isso.

—Não vou. —Não tinha ideia de como dispensar um rapaz e ser
amável ao mesmo tempo, na verdade, nunca faria mal a ninguém.

—Ah vamos, Valéria, não faz isso com o pobre rapaz.

—O que é que eu fiz? —Valéria desconcertou-se. Não lhe tinha
feito nada.

—Exato —disse enquanto ia embora.

De repente Valéria estava de novo sozinha na rua. Queria ir?
Não. Mas pensando bem, se o Gregório ia, o Ben também iria. E
pensar nisso encheu o seu estômago de sensações.

CAPÍTULO 3

MUITO PERTO

“Deixa de sonhar acordada, deixa de sonhar acordada”.

—Tudo bem?

Valéria assente, sorrindo.

“Inala todo o ar que conseguir e espera que olhe para outro lado”.

—Quer água?

“Finja que não esconde nada. O que esconde?”

—Val...

“Nada”.

—Não tenho nada —disse com uma voz tranquila—. Onde está Nina?

“Nada” repete. Não se passa nada. Estão conversando faz tempo. Por que pensaria que está se passando algo?

“Está muito perto...”.

—Bem.

Por que sentiu de repente a voz no seu ouvido?

“Muito perto...”

—É que está muito bonita hoje, Valéria.

“Por que tem de se aproximar tanto?! Tem pele de galinha.” Se há algo de que está segura é de que vai cometer um crime contra Nina quando sair dali.



Ben passou a noite inteira conversando de perto com uma garota que era prima de um dos seus amigos, José. Ainda que soubesse que José era às vezes problemático, não se importou. A garota passou muito tempo procurando ficar ao seu lado, puxando conversa. E não queria decepcioná-la, além disso, a garota era bonita.

Valéria, por outro lado, passou a noite toda com Gregório, um ao lado do outro, talvez demasiadamente perto. Parecia um casal. Ben não podia acreditar. Era absurdo. O seu melhor amigo e ela. Por que ele não lhe disse nada?

“Outra vez muito perto”, pensou olhando desconfiado. “Esse filho da puta” insultou mentalmente o seu amigo, mas depois se lembrou de que ninguém sabia que Valéria estava com ele, e nem sequer estavam. Era algo extremamente complexo e até agora ele esperava que continuasse assim. É que as relações amorosas eram muito complicadas e ele não estava disposto a lidar com isso.

Por isso foi embora. E por alguma razão estava com raiva dela por estar com Gregório e por não ter ido à sua casa quando lhe pediu esta tarde. Estará cansada dele? Por isso a atitude na outra noite?

Caminhou mais depressa.

Supunha que não deveria pensar no que ela fazia ou deixava de fazer. Não é da sua conta nada disso. Tudo sobre ela. Deve seguir em frente, deve continuar oculto como se fosse uma sombra... até que o seu corpo se funda com a escuridão e não seja capaz de se ver.

Uma sombra sem sentimentos.



—Oh Deus! Gregório deixa a Valéria em paz! —Nina sentou-se no colo da Valéria, Gregório de sobressaltou foi para trás—. Se quer entrar na calcinha dela disfarça um pouco mais, não acha? —reprovou com desdém.

—Que foi, Nina? Também gosto de você. —Lançou lhe um beijo, mas nos seus olhos era notório que estava muito irritado.

—Nojento, está bêbado, vai atrás do seu amigo, que já foi embora.

Valéria pensou que os seus ouvidos tinham falhado, sério que ele tinha ido? Mas por que não se deu conta? Em que momento deixou de estar consciente de que ele a observava, pois, o seu amigo estar muito perto dela? Estúpida. Estúpida, chamou a si mesma, talvez agora esteja chateado.

—Que amigo? —pergunta Valéria deixando flutuar as suas palavras para que soem desinteressadas.

—O Sombra, foi embora há um tempo —disse sem lhe dar importância—. Escuta... e você e o Gregório? Já têm algo? —Pergunta com sorriso malicioso.

Gregório tinha embora no momento em que Nina interferiu entre eles dois. Ele não dizia a ninguém, mas nunca simpatizou com Nina.

Valéria ia negar, porém estava pensando que se o Sombra já tinha ido, não fazia sentido ela ainda estar ali.

—Terra chamando Valéria... olá? —Estalou os dedos.

Quando Valéria voltou a prestar atenção, Nina voltou a falar:

—Já há algo entre você e o Gregório?

—Só conversamos um pouco.

“Somos só amigos”, pensou. Por que razão alguém ia pensar que havia algo entre eles e ninguém suspeitava, nem sequer um pouco, dela e do Sombra?

—Ele estava tão perto de ti?

—Define perto. —Valéria procura com o olhar o Sombra, não podia ser verdade. Sério que foi embora...

—A boca dele passou a noite toda colada à sua orelha, não notou? Além disso, estavam quase abraçados.

—Eu não o abracei. Devo lembrar que não fui eu que quis ficar, você me deixou sozinha.

—Da próxima vez, se não gostar, é só levantar e sair. —Nina a olha seriamente.

—Obrigada, Nina.

Nina agarrou no pulso de Valéria e foi para onde estavam as meninas. O seu lugar favorito: a calçada.

—Não se preocupe —disse Nina para Valéria quando notou que se negava a caminhar—. Com o que aconteceu esta noite é suficiente para que te aceitem de novo. Falei com elas.

Argentina estava sentada em posição de yoga e as outras meninas tinham as pernas estendidas até o meio-fio. Já era muito tarde e todas as pessoas já se recolhiam para ir para as suas casas, por que isso é um costume, comer e depois ir embora, a menos que fiquem nas calçadas, ou que vão a outro lugar para conversar ou fazer barulho.

No bairro viam-se muito as senhoras sentarem na calçada com suas cadeiras de plástico, com as crianças do bairro correndo à sua volta para ouvirem os contos que elas inventavam, ou talvez fosse real. Quando essas senhoras entravam nas suas casas, os outros, crianças, jovens e adultos, sabiam que era hora de todo mundo ir para suas casas, era um tipo de “toque de recolher”. As ruas estavam desertas e os delinquentes podiam agora sair para fazer seu trabalho, por que já não havia nenhuma idosa que lhes recordasse a sua mãe (como as vezes que saíram para roubar muito cedo). Já não havia ninguém sério nas ruas. Esse era o sinal pelo qual esperavam Argentina e o seu clã para ir para casa.

Usualmente as senhoras davam um tempo prudente, mandam recolher as suas cadeiras —se alguém as tivesse pedido emprestadas —levantam-se, olham para os lados e logo, algum rapaz coloca as cadeiras em sua casa, e elas fecham grades, portas e janelas, e, a não ser que algum neto delas ainda esteja na rua, não se sabe mais nada dessas senhoras até ao dia seguinte. Esse tempo era comprido o suficiente para permitir as meninas entrarem nas suas casas e, além disso, nem todas as senhoras decidiam entrar na mesma hora em suas casas.

Quando fica apenas a senhora Elena, que todos especulam ter oitenta e dois anos, é que Valéria regressa da casa do Sombra.

—Que Deus te abençoe! —diz em voz baixa.

Da primeira vez Valéria se assustou, mas depois já não se sentia bem se não tivesse sua bênção. Valéria acreditava nisto, acreditava que alguma força do céu a acompanharia até chegar em casa porque a senhora a tinha abençoado.

“Certeza que é sua neta”, dirão alguns dos assaltantes.

“Talvez seja da família de Elena” os bandidos, sigilosos como uma sombra, diriam entre si. Por isso de alguma maneira a bênção fazia o seu trabalho.

Na casa de Marian estavam acostumados a fazer essas festas, de vez em quando, e que depois todas as pessoas desapareciam como um foguete.

E como as senhoras ainda estavam na calçada, em frente a suas casas, as meninas podiam ficar por ali mais um tempo.

—O Sombra estava de rolo com Sara... —Argentina verificava as suas memórias—. E o Gregório com Valéria... e o Ramirez com Rose. Então, esta noite foi dos “enrolos”!

Valéria e Nina sentaram-se junto a elas, por acaso alguém falou do Ben ou será que não estava escutando bem?



—Eu, na verdade, já esperava isso do Sombra, ele gosta de meninas com muito corpo assim como Sara. —Marian comentou—. O Ramirez também, felicidades, Rose!

Rose bateu a palma da mão com as de Marian.

Se não era do Sombra que elas falavam, de quem mais?

—Mas... você Valéria?! A verdade é que se safou. O Gregório é legal. —Argentina olhava agora na direção de Valéria, que por um segundo sentiu o seu coração na garganta.

O que ela tinha dito? Não ouviu nada. Talvez tivesse a acusado de algo. A julgar pelo seu olhar é uma indiscrição, mas o quê?

Se não estivesse ficado pensando com quem o Sombra ficou..., porém ele nem sequer reparou nela. Sentiu-se tão triste porque realmente queria que ele tivesse reparado nela.

“Estúpida” chamou a si mesma pela terceira vez essa noite. Su-punha que eles não interagem e que Valéria não deveria se importar com isso. Mas desta vez, estava chateada e não pensava voltar a sua casa por longo tempo. Além disso, por que tinha de ser sempre ela a ir ao encontro dele?

Por que precisa dele.

E sabe disso.

Necessita saber que alguém a espera, que alguém a deseja.

Sentir o calor. Ouvir sua voz. Conseguir ao menos um sorriso.

Era algo que a preenchia por um tempo até que se esvaziava e voltava para ele. Algo de que não podia se safar tão facilmente. Toda via algumas vezes tinha de parar. Como ia fazer justamente agora. Se ele podia ficar com uma menina de corpo grande, ela também podia ficar com o Gregório.



As provas estavam chegando e Valéria devia fazer um monte de trabalhos extra para algumas disciplinas, além disso, os professores



insistiam que isso seria o mais prático e assim não tinham de estudar tanto para as provas. Valéria devia também fazê-lo para manter sua bolsa de estudos. Devia dar tudo de si, se quisesse vir a ser alguém, se quisesse melhorar a condição de sua família.

Não é fácil. Esses trabalhos são extensos e tem que pesquisar muito. Valéria não tem ferramentas para tal, por isso vai até à Sabrina que tem livros e acesso à internet.

Lá pode estudar e ver vídeos ou filmes. Ao menos tem um pouco de diversão. Sabrina tinha dezesseis anos e era quase da mesma altura que Valéria. Era simpática com ela, a única pessoa que lhe inspirava confiança no colégio. No entanto, não o suficiente para lhe contar sobre o Sombra.

Enquanto voltava para casa juntamente com ela, Sabrina viu de longe o grupo dos rapazes do bairro.

—Olha, ele é tão lindo. —A voz de Sabrina nublou sua vista, “o que disse?”.

—Quem? —perguntou Valéria olhando novamente para o grupo dos rapazes.

—O rapaz de gorro. Ele me encanta. É tão misterioso e lindo, queria eu morar por aqui —continuou Sabrina a sonhar acordada.

Valéria achou que ela estivesse a brincar.

—Sabrina, mas você vive bem. —Sabrina vivia numa zona residencial de classe média, e agora desejava, com Valéria, viver naquele bairro incômodo—. É estúpido que dizer isso. E, além disso... —Valéria mordeu o lábio—. Ele não é bom o bastante para você. Ouvi coisas...

—Que tipo de coisas? —De repente sua amiga estava curiosa.

Não tinha ouvido nada... talvez fosse esse o problema. Mas não queria que a sua amiga gostasse dele... mesmo que já fizesse um tempo que não o visitava, ainda que tivesse tratado de esquecê-lo, não queria que ninguém se apaixonasse por ele.

—O normal, sabe... —respondeu como se ambas partilhassem um segredo—. Ouve Sabrina, devia ir para sua casa já, vai escurecer e aqui fica muito perigoso de noite.

—Como você faz então? —perguntou.

—Suponho que viver por aqui ajuda um pouco. —Levantou os ombros olhando de novo para onde estavam os rapazes.

Depois de se despedir da sua amiga, Valéria passou em frente aos rapazes com os seus cadernos nos braços. Não olhou para o Sombra. No entanto, sentia uma brisa entre os dedos, de repente o seu rosto ficou quente e começou a andar mais rápido. Estava olhando para ela, verdade? Só assim poderia provocar isso nela.

“Não o faça, por favor.”

Talvez a censurasse, talvez quisesse dizer que sente sua falta.

Sente sua falta? Se isso é verdade, então é muito estranho, tão estranho como chover e as crianças não virem para a rua tomar banho na chuva. Assim, ainda que Valéria não soubesse nada de linguagem visual, decidiu que sim, que queria dizer-lhe alguma coisa, mas não se atrevia.

Eram dois “cobardes”.

Chegou em casa e enfiou-se na cama até que escureceu por completo. Ainda que as meninas estivessem aceitando-a pouco a pouco, Valéria não se sentia como antes, já não se sentia tão feliz com elas, de alguma forma as odiava, por culpa delas estava assim.

Claribel chamou Valéria para que viesse jantar, tinha feito mingau com sabor de baunilha que ela devorou num instante.

Depois de conversar com sua mãe e de lhe contar sobre um vídeo que viu, na casa da Sabrina, de uma menina comendo canela em pó, saiu para ir buscar os seus irmãozinhos.

—Carol, diz ao Carlitos que venha jantar. —Carol levantou-se do chão do pátio e saiu disparada à procura de Carlitos.

Enquanto Valéria lavava os pratos que ela e sua mãe tinham sujado, os seus irmãozinhos entraram a toda velocidade, com os sapatos cheios de terra e as mãos sujas de pó.

—Antes lavem as mãos!

—Está bem, está bem! —gritou Carol.

—Não, eu quero continuar brincando com o Erick! —Carlitos sentou-se no chão.

—Já chega, vai lavar as mãos e tirar os sapatos.

—E se eu não quiser?

—Não vai jantar, então!

—Vou contar para mamãe! —Levantou-se do chão, e com os seus chinelos sujos de terra, sujou o chão todo até chegar ao quarto da sua mãe—. Mamãe, Valéria está sendo cruel comigo, odeio ela!

Valéria bufou e secou as mãos nas calças que estava vestida. Foi até o quarto da sua mãe e tratou de tirar o Carlitos dali. Claribel tinha enxaqueca e com uma criança reclamando não ia passar nunca.

No banheiro viu novamente o seu reflexo no espelho partido enquanto segurava as mãos de Carlitos debaixo da torneira da pia, sentou-o na tampa do vaso sanitário e tirou-lhe os sapatos. Carlitos estava vermelho de tanto chorar, e como resultado da sua pequena luta, Valéria tinha sua roupa toda salpicada de água e as pernas das calças sujas da terra que saiam dos sapatos de Carlitos cada vez que ele tentava dar pontapés nela.

—Se não parar de chorar te coloco de castigo! —Valéria estava histérica.

O pequeno não fez nem um pouco de silêncio. Chorou até que Carol acabasse de jantar, e até que ela estivesse pronta para ir dormir.

Às nove e meia foi ao quarto onde dormia, onde estava Valéria, e tocou-lhe no braço.

—Mana... mana...

Valéria ignorou-o por completo, ao lado dela, estava Carol a dormir.

—Estou com fome e sono.

—Então come e vem deitar.

—Tenho medo de ficar sozinho. —A sua voz rompeu-se e as suas bochechas encheram de lágrimas—. Me Perdoa Val, eu não queria dizer que te odeio. Porque não te odeio, eu te amo, pode me acompanhar enquanto janto, escovo os dentes, e esperar que durma antes de ir? —Carlitos sabia que Valéria se ausentava de noite, mas não dizia a ninguém.

Valéria esperou um pouco, Carlitos tinha apenas seis anos, podia se chatear de verdade com ele?

—Está bem, está perdoado. —Sorriu, levantou-se e o abraçou—. Vem, vamos.

Esperou que jantasse o seu mingau, e depois fez a mesma rotina que tinha feito com Carol há meia hora. Quando terminou, foi ao quarto da sua mãe, sentou-se ao seu lado na cama e juntando com o dedo médio e o indicador, passou um pouco de mentol no lado direito e esquerdo da cabeça.

—Mãe, eu vou sair com Nina, volto logo. Não se preocupe. —Valéria sussurrou-lhe ao ouvido, depois deu um beijo na bochecha—. Te amo muito, Mãe.

—Se Cuida, Valéria, por favor. —A voz de Claribel demonstrava mal-estar—. Mas volta cedo, porque se continuo assim amanhã terá que vestir as crianças para que vão à escola.


Não o fazia todos os dias? Ela sabia as suas obrigações, mas sua mãe estava mal e não quis discutir.

—Vou ver.

—Que horas são?

—Oito e meia.

Se sua mãe suspeitasse e fosse comprovar nos relógios da casa, eles confirmariam o seu truque, todos os relógios que pudessem



existir na casa já tinham sido manipulados por Valéria, assim quando chegava “muito tarde”, para sua mãe só chegava “tarde” e só.

Valéria foi de novo ao quarto onde dormiam os meninos e tirou a blusa molhada que estava vestida e colocou uma de alças. Pensou em mudar as calças, porém não estavam assim tão mal. Olhou-se no espelho antes de sair e comprovou que os seus lábios estavam muito cinzentos. Tinha um hidratante labial e deslizou-o pelos lábios, depois, sigilosamente, abriu a porta de casa e foi para casa do Sombra.



CAPÍTULO 4

PODE SER QUE GOSTE DE MIM

Valéria bateu três vezes à porta. Os seus pés, por alguns segundos, moveram-se como um vaivém, estava ansiosa. Mas nada. Ninguém abriu a porta. Começou a sentir frio nos braços e desejou ter-se lembrado de vestir um casaco. Ali parada debateu-se entre continuar ou dar a volta e ir embora, talvez ele já não a quisesse, talvez o “não acordo” deles tivesse terminado.

Quicá devesse se sentir desimpedida.

Tocou na maçaneta da porta, estava fria, tão gelada que sentiu um arrepio no corpo. Rodou-a. Estava aberta, estranho. Entrou sorrateiramente, e quando o fez, sentiu que o ambiente lhe era familiar. O lugar tinha uma essência, um cheiro que o definia e sabia que tinha caído na sua armadilha outra vez.

Não estava na sua sala nem na sua cozinha, isso era o primeiro que se via quando entrava em casa. Então decidiu entrar no quarto. A luz estava apagada e o único ponto que iluminava era a luz acesa do banheiro. Nunca a apagava. Valéria pensava que era por ter medo de dormir numa completa penumbra. “O Sombra com medo?”, perguntou-se.

—Tem que aprender a se controlar. —Ben já sabia que ela estava no quarto.

Ouviu quando bateu na porta, quando a abriu e quando entrou. Qualquer um podia tê-la ouvido.

—Caminhava tão rápido que parecia um foguete.

—Notou? —Valéria perguntou levantando a sobrancelha.

—Sim. Todos notaram, mas por sorte eles pensaram que era por causa do Gregório, já sabe o que dizem por aí?

Não sabia o que estavam dizendo, também não queria saber. Suspirou e observou como Ben se levantava do chão e caminhava até ela. Ele com a mão direita levantou o queixo dela para que o olhasse nos olhos.

—Eu sabia que vinha.

Pôs sua mão detrás da cabeça dela, agarrando o seu cabelo e fazendo uma carícia.

—Sabia... que... vinha... —Começou a brincar com os lábios, depois os encostou aos seus, como se estivesse faminto, como se fosse um novo jogo de não a deixar respirar.

Valéria tratou de colocar a mão no peito dele para que se detivesse, para que a deixasse respirar um segundo, depois ia beijá-lo, beijá-lo-ia o tempo que ele quisesse.

—Tive saudades, Ben. —Ainda que fosse uma afirmação, havia um ligeiro tom de pergunta.

Ele deteve-se, afastou um pouco o rosto para poder vê-la melhor, tinha os olhos fechados. Afastou-se um pouco mais. Não se lembrava de que Valéria sabia o seu nome verdadeiro, mas pensando bem, já sabia muito sobre ele, Valéria... Valéria ... ela estava ganhando controlo de sua cabeça, isso não podia continuar acontecendo.

—Vem —pediu a Valéria. Ela abriu os olhos e ele estava agora sentado na beira da cama. Quão rápido se pode mover?

Hesitou por alguns segundos, todavia cedeu. Ben começou a desabotoar os botões da blusa, um por um. Ele tomou o seu tempo entre cada botão, fez deslizar os seus dedos na pele que ia se

expondo a cada botão desabotoado. Quando acabou deixou cair o pano no chão. Aproximou a face do ventre dela e soprou com um sorriso na boca.

Disfrutava, de brincar com ela, que ela estivesse assim: com olhos fechados sem saber o que fazer. Os seus lábios entraram em contato com sua pele, abriu a boca e com seus dentes mordeu a fina camada da sua pele.

Valéria sentiu um arrepio. Fez uma careta.

—Valéria, e que tal dançar um pouco para mim?

Valéria não se mexeu, mas o seu coração acelerou. Ele roçava o nariz contra o ventre dela, esperava pela sua resposta.

—Não posso.

—Não pode?

—Não posso —repetiu mais alto. Começou a sentir com mais força na cintura o abraço que ele lhe dava.

Ele se levantou e parou de agarrá-la.

—Não pode ou não quer? —perguntou-lhe, aproximando-se muito dela, tanto que com o seu peito a empurrava para trás.

Valéria firmou o passo porque estava quase tropeçando e não queria cair.

—Por acaso está louco?

—Não diga coisas estúpidas!

—Estúpidas?! —Sentiu ofendida—, mas por que tenho que dançar? Isso não está no acordo.

—Que acordo? Eu apenas te fodo e é só, não temos acordo nenhum.

Sentiu uma fincada no coração, às mãos frias, e os olhos como se fosse uma barragem quase a transbordar. Olhou-o com raiva, e apanhou sua blusa que estava no chão.

—Valéria o que está fazendo? —Gesticulou com as mãos apanhando o local onde ela se curvou para apanhar a blusa. Quase



soou como se estivesse arrependido por ter dito aquilo, contudo era a verdade. Os dois sabiam, por isso evitavam ser sinceros?

—Vou embora, eu sabia que não devia ter voltado. Eu sabia que estava com a prima do José. Sabia que já não me quer mais.

—Nunca quisemos um ao outro, Valéria, deixa de dizer disparates.

Disparates? Saberá ele, por acaso, o que ela sentia ou deixava de sentir? Vestiu sua blusa de novo. Na verdade, não queria chorar. Não na frente dele. Em vez disso desejou, com todas as suas forças, que ele deixasse de jogar na cara que eles não tinham nada.

Nada.

“Não há nada”, disse para si mesma. “Por que quer chorar? Não há nada, não há nada, não há nada, não há nada!”

—Não quero dançar porque não me sinto bem e não o quero fazer pela forma que você disse apenas “fodemos” e é só. —Quis explicar a si mesma, pois a ele não devia explicação nenhuma.

—Se não quer fazer vai embora já. Não façamos nada, não estou te obrigando —disse-lhe. Na sua voz havia desinteresse. Feriu o seu ego.

“Mas quero uma história de amor...”, disse para si. Mas então se deu conta de que aquilo que fazia com ele era coisa de putas e não tinha nada que ver com amor. Saiu do quarto depois de abotoar todos os botões da sua blusa.

Ben bufou e foi atrás dela. “É infantil... é uma criança”, disse a si mesmo para ficar tranquilo. Tentou detê-la duas vezes, mas Valéria recusava. Na terceira conseguiu agarrar o seu braço e girá-la para ele para depois apertá-la num abraço. Valéria desmoronou-se ali mesmo. Queria dizer que o queria e que ela o queria de verdade. Mas isso iria provocar danos às coisas.





Calor corporal. Isso é uma das coisas preferidas de Valéria. Esse que o Ben lhe dá, não o do Sombra. Quando o Sombra é mais como o Ben, tudo é mais tranquilo e calmo.

Sente que ninguém vai julgá-la. Ninguém vai apontar-lhe o dedo, ninguém a vai deixá-la de lado. Ele apenas seria tranquilo, as suas carícias seriam suaves. Nos seus braços, nas suas bochechas, brincaria casualmente com os dedos das suas mãos. Ele tem o poder de queimar as suas mãos sem lhe provocar dor, absolutamente nenhuma dor.

—Talvez eu estivesse com ciúmes.

A sua voz quase não saiu ao dizer isso. Não entende a que se refere. Talvez não queira entender.

De repente teve uma sensação de esperança no seu peito, e se a razão para que o Ben agisse assim, era porque ele começava a gostar dela?

Então estaria feliz. Muito feliz.

É tarde, demasiado tarde para que ela vá para casa sozinha.

—Dorme aqui.

—Não posso.

—Está muito tarde para ir embora, não acha?

—Minha mãe vai me matar. —Valéria virou a cara para ele.

—Não vai.

Valéria voltou a girar-se e olhou para a maçaneta da porta.

—Não seja desmancha prazer.

Um sorriso fantasmagórico apareceu nos lábios de Valéria. Ben aproximou-se da sua orelha.

—Apenas fica.



Cheira a manhã.



No bairro sempre se ouvem os passarinhos a cantar. Eles anunciam paz. Se algum dia não cantarem tão cedo as suas lindas melodias, será então sinal de que não há paz. E todo mundo levantava com ar suspeito, olhando, observando.

Todos sabem que os passarinhos só cantam onde há paz.

Ela se move, há alguém de costas para ela. “Deus!”. Entrou em pânico. Tinha dormido na casa do Sombra! O que vai dizer à sua mãe?

Levantou-se rapidamente, colocou as sandálias e logo penteou o cabelo. Lembrou-se que era sexta-feira. Tinha que ir ao colégio! Tinha que arrumar as crianças!

Olhou uma última vez para o Sombra e depois saiu para a rua. Às seis e meia da manhã não tem muita gente. Entre os que estão a caminho do trabalho e os que recém-abrem as janelas. Muitos nem sequer reparam na cara de Valéria.

Antes de tocar à porta de sua casa, diz para si mesma: “Pode ser que goste de mim”.

Todo o resto não é importante, nem sequer ouve o que diz sua mãe.

—Valéria, Deus, minha filha, onde estava?

“Pode ser que goste de mim”.

—A Nina me disse que já estava muito tarde para sair de sua casa, desculpa.

“Pode ser que goste de mim”.

Claribel olhou para sua filha.

—Vou perguntar para ela então, vou fazê-lo, Valéria. Exatamente agora, vou à sua casa. Você fica e arruma as crianças...

“Pode ser que goste de mim”.

Acordou as crianças e arrumou-as, rezou para que Nina alinhasse na sua mentira, ainda que não sequer soubesse do que ia falar Claribel, além disso, continuava a repetir. “Pode ser que goste de mim”.



Durante o dia todo. Nem sequer fez caso ao castigo que sua mãe impôs. Deu graças a Deus por Nina a ter acobertado depois de tudo, ainda que tivesse de lhe contar onde tinha passado a noite..., ainda que depois tivesse de contar que já tinha “perdido os três”.

Na escola, ainda continua a sorrir.

“Pode ser que goste de mim”.

Tinha admitido para si mesma que estava apaixonada por ele, por ele, por ele, por ele e apenas por ele... por que... por que... por acaso podia explicar?

Segundo Valéria estar apaixonada não é como diziam muitos... que o amor destrói... que o amor para as pessoas solitárias, só as faz se sentirem mais sozinhas... que não era bom estar apaixonado... e só hoje agradeceu ter feito pouco caso de Argentina.

Ela estava feliz. Muito feliz.



—Qual é o verdadeiro nome do Sombra? —perguntou Raini.

—Não sei. —Argentina respondeu desinteressada—. Por que não perguntas para Gisela? Ela esteve com ele...

—Mas não significa necessariamente que ele lhe diga o seu nome.

—Rose começou a pintar as unhas da outra mão de Argentina.

Nina olhou para elas:

—Ramirez ou Gregório, um deles deve saber.

—E por que vocês não sabem nada dele? —perguntou Valéria.

—Você também não sabe não se exclua —disse Raini.

Valéria calou. Era verdade, suponham que ela não sabia nada dele. E isso era bastante estúpido. O Sombra tinha crescido com elas e tinha nascido no bairro, como é que não o conheciam suficientemente?

—Seja como for, eu só perguntei por que o cara é realmente bom.



—Barto... eu acho? Algo com “B”, estou segura, —Rose tentou lembrar-se—, é que eu e Raini sempre o chamamos de Sombra. É como se o seu nome não importasse tanto.

—Sim, o que acontece é que nos acostumamos a chama-lo de Sombra, né? —Argentina concordou com Rose—. Valéria como vão as coisas com o Gregório?

Valéria sorriu.

—Não vão a lugar nenhum. Não o vejo desde antes de ontem.

—Nota-se Val que não gosta dele —disse Nina e sentou-se onde estava Argentina para que Rose lhe pintasse as unhas—. Vai pintá-las também? —perguntou à Valéria.

—Não, não —respondeu Valéria—. Eu tenho de ir para casa. Mamãe... ou seja, Claribel certamente me espera e não me deixará sair hoje por ter dormido na sua casa.

—Ah, claro.

—A Valéria dormiu na sua casa? —perguntou Raini em voz baixa. Mas Valéria ouviu.

Levantou-se da calçada e foi a caminho de casa. Tinha sempre que passar em frente ao tasco, onde estavam os rapazes conversando ou sem fazer nada. Valéria não entende como se mantêm economicamente, se não fazem nada para ganhar dinheiro... talvez sejam os pais deles, talvez ainda vivam do dinheiro dos seus pais. Abaixa a cabeça e procura andar normalmente... Olhando bem, o Sombra não está lá. Pode agir normalmente.

—Valéria! —Gregório chama por ela. Ela vira para o ver e ir ao seu encontro. Na sua mão, tem um celular preto touch screen—. Anda que quero tirar uma foto contigo.

—E o que é isso? —perguntou Valéria. Os aparelhos eletrônicos despertavam nela muita curiosidade.

—O meu novo celular. —Abriu um sorriso e entregou-o em sua mão. Valéria começou a olhar enquanto ele a acompanhava até onde estava antes.

Depois sentou num banquinho vazio e ele sentou ao seu lado. Minutos depois abriu a câmara e estava virada para frente. Viu a seu rosto suado e os seus olhos negros refletidos nela. Queria um celular assim, não para fazer chamadas, mas para jogar, para se gravar, amava as câmaras.

Gregório encostou-se a ela e tiraram uma selfie, na qual Valéria não sorriu porque foi de surpresa. Na seguinte, Gregório colocou o seu braço em volta de Valéria para poder tirar a foto com essa mão e que não ficasse em movimento.

Valéria sorriu, e nesse instante, quando Gregório olhava para as fotos tiradas, o Sombra sentou-se ao lado de Valéria, e ela ficou totalmente paralisada olhando para ele de perfil.

A sério? Porque fez isso? Estará com ciúmes de novo? Tinha dito que estava com ciúmes antes... antes tinha dito.

—Eh... —Valéria começou a falar para o Sombra.

—Valéria, sai comigo esta noite? —Gregório a interrompeu.

—Sair contigo? —Valéria deixou de olhar para o Sombra e olhou para ele confusa—. É que não posso, —Olhou para o Sombra, e procurou sua mão detrás do banco, porém ele a afastou. Valéria voltou a olhar para o Gregório—, tenho coisas para fazer em casa. —Pôs-se de pé.

—Valéria... —Pôs-se de pé também.

—Depois nos Falamos Gregório. —Foi embora com um sorriso no rosto, não por causa do Gregório, mas porque o Sombra a olhou quando se levantou.

O Sombra olhou para Valéria correndo e depois observou o seu amigo olhando para o celular e para as fotos que Valéria tinha tirado com ele. E ele, o seu amigo, estava sorrindo, e começou a perguntar-se quando o seu amigo começou a apaixonar-se por ela.

Quando tinha começado com isto e por que não tinha notado?

—Gosta da Valéria? —A sua voz suou demasiado desinteressada. Representava bem.

—Não sei Ben —responde—. Estou tentando descobrir.

—Não brinque com ela. Não merece que a use. —O Sombra não se sentiu nada hipócrita. É mais, nem sequer se deu conta de que o que pedia ao seu amigo para não fazer com ela estava ele a fazê-lo, e talvez fosse à razão de tudo. Porque ele sentia que tinha mais direitos do que todos sobre ela.

CAPÍTULO 5

DESEJO

—Preciso de um favor. —Sua voz saiu ofegante, tinha vindo correndo.

—Sim? —perguntou desinteressado, estava preparando uma enorme taça de cereais quando ela adentrou na casa—. Mas não vai nem me cumprimentar? Dizer olá?

—Olá. —Ajeitou o cabelo detrás da orelha.

Ben sorriu:

—Bem, quer dividir estes cereais?

O seu estômago rugiu. Bom, sim, tinha fome. Tinha dado todo o seu jantar ao Carlitos para que deixasse de fazer birras e fosse deitar. Mas divagou, estava pensando se deveria ou não comer agora.

Acordou. Pestanejou várias vezes e avançou uns passos.

—Quería dinheiro emprestado.

—Dinheiro? —repetiu, olhou-a com desdenho e sentou-se no sofá com uma enorme tigela de cereais apoiando-a na mesinha que tinha à sua frente. Era muito cereal, podia comer aquilo tudo? Valéria agarrou o estômago.

—Quanto dinheiro precisa Valéria?

Às vezes... às vezes, Ben emprestava dinheiro a Valéria, ainda que não fosse a ela exatamente, era à sua mãe. Valéria preferia mil vezes pedir dinheiro emprestado ao Sombra do que à Júlia,

sua vizinha, ela era cobra e passava a vida jogando isso em sua cara. Ao menos o Ben emprestava até que conseguissem o dinheiro para lhe pagar.

—São mil pesos...

Levou mais uma colherada de cereais à boca e mastigou.

—Tem certeza que não quer? —Limpou a boca, Valéria distraiu-se com os seus lábios. Depois se aproximou e sentou-se ao lado dele—. Abre a boca.

—Não sou uma criança —disse, fechando bem a boca.

—Não é? —perguntou com cinismo.

Valéria negou e comeu os cereais, tinha fome.

Ben abaixou a mão de Valéria que segurava a colher e fez com que a soltasse, beijou-a inclinando-se sobre ela. Valéria o deteve. Tinha que deter porque começava a sentir coisas. E não eram as coisas que sentia antes, era algo mais forte. Algo que nem ela mesma podia evitar.

—O que acontece se eu começar a gostar muito de você? —perguntou Valéria com uma das suas mãos no pescoço dele. Procurava algo nos olhos de Bem, mas não encontrou nada.

—Você nunca vai gostar de mim Valéria. Disso pode ter certeza. Ok?

—Por quê? —Sentiu-se confusa.

Levantou do sofá e foi andando para o quarto. Valéria ficou ali. Na verdade, pensou que ele responderia com ternura. Não foi assim.

Gritou de dentro do quarto:

—Isso só aconteceria se você fosse idiota, e Valéria, eu não acho que seja idiota.

—Como sabe se sou idiota ou não? Vê como venho sempre até você, não é burrice o suficiente?

Voltou para pequena sala e sentou-se no sofá ao lado dela.

—Não é. Eu sei Valéria.

—E você, é?

Inclinou-se e agarrou um dos lábios de Valéria com os seus. Depois se afastou e colocou algo na sua mão.

—Não o sou.

—Não gosta de mim? —perguntou ela.

—Que tipo de pergunta é essa? —Riu. Recolheu as sobras de cereais Valéria tinha deixado. Tinha comido quase tudo sem perceber.

—Eu perguntei o que aconteceria se chegasse a gostar muito de você, e disse que eu não era idiota o suficiente para isso...

—Vá direto ao ponto. —Ele ficou irritado, Valéria moveu-se incômoda no sofá.

Tinha o dinheiro na mão. Podia ir embora. Mas não queria o Sombra não era o seu fornecedor monetário, era o seu fornecedor de companhia. Às vezes, se o encontrasse de bom humor, podia falar as palavras exatamente como às imaginava. Sem ter que as passas por filtros nem nada.

—Poderia se apaixonar por mim? É idiota o suficiente?

—Você sabe que eu não sou idiota.

Valéria entendeu a resposta. Levantou-se do sofá.

—Gostaria de ser idiota, por você.

Ben estava encostado na mesa da cozinha, olhando-a.

Ela era inteligente, ele pensava isso, porém por acaso sabia do que se tratava tudo isto, ou apenas se fazia de estúpida?

—É o que está fazendo justamente agora, fingindo ser idiota?

Valéria exalou ruidosamente.

—Fala em código de Morse não entendo. Apenas me diga, nunca poderia vir a gostar de mim? —Ela gostava de se magoar, sabia a resposta e as suas ilusões do passado tinham sido assassinadas pelas palavras dele. Sentiu um nó na garganta.

—Você e eu não combinamos. Quero dizer que, assim como eu não gosto de você, você não deveria gostar de mim. Nem um

pouco. Não somos nada. Você é livre, eu também. Sabe disso. Sabemos os dois.

Valéria mordeu a língua. Assentiu. Está tão normal. Não se passou nada. Não disse nada de mal. Não a magoou.

“Nada”.

—Esquece o que eu disse Valéria... —Começou a dizer preocupado quando viu que ela ia embora da casa. Se não a conhecesse bem, pensaria que ia chorar, mas ele sabe que ela é forte, que não vai chorar—. Valéria me dá atenção quando falo contigo! —Ela mordeu o lábio e voltou-se. Odiava que gritassem com ela—. Talvez sim, te desejo —disse soltando as palavras—. Te conforta isso?

—Mas não gosta de mim. —Encolheu os ombros.

Abanou a palma da mão para baixo sinalizando que falasse mais baixo. Se falasse tão alto, podiam ouvi-los.

—Valéria —chamou ela, para que prestasse atenção. —De verdade que isso importa? Deixa isso.

—Tudo bem, eu vou embora.

—O que nós sentimos é desejo. E disso não passará porque não somos idiotas. Está bem? —gritou para as suas costas.

Valéria continuou a andar e assentiu. “Está bem”, disse para si, depois começou a correr tão rápido quanto conseguia. Quando chegou em casa jogou o dinheiro em cima da mesa, e se deitou na cama com os seus irmãozinhos porque se negava a dormir no chão.

—Valéria o que é isso? —A voz da sua mamã vinha da cozinha.

—O quê? —gritou de volta. Não se importou que os seus irmãozinhos estivessem dormindo ali.

—Vem aqui!

Valéria levantou de novo, foi arrastando os passos até onde estava sua mãe. Claribel estava na sala com três notas de mil pesos.

—Eu disse só mil —perguntou estendendo o dinheiro.

Porque o Sombra tinha dado mais dinheiro do que ela tinha pedido?

—Fica com os dois mil, ganhei.

E voltou a deitar-se. A sua mãe ficou de boca aberta, sem entender nada. Ou sem querer entender nada. Não queria saber como sua filha tinha conseguido tanto dinheiro, não queria saber como havia ganhado. Engoliu seco. Precisava daquele dinheiro.



—Quer dizer que essa é sua primeira menstruação? —Abriu os olhos.

—Acho que sim. —Encolheu os ombros.

—Sabe o que significa certo?

—Sim.

—Não entre em pânico. —Ofereceu um pacote de absorvente que guardava no armário da sala de professores—. Isso vem todos os meses e às vezes vai doer, algumas vezes os seus seios incharão e ficará inchada, ou ficará de mal humor. Tudo isso é normal não se assuste.

Valéria respirou aliviada. Então era por isso que lhe doíam os seios. Ia menstruar pela primeira vez. Não tinha nenhuma DST e Deus não estava castigando por fazer coisas erradas.

—Quando vai parar?

—Tudo depende, é sério que é sua primeira vez? —Alexa, a professora, perguntou outra vez.

—Sim, nunca tive antes.

Algo deu errado ao explicassem isto de ser mulher, ou então ela não prestou atenção. Seja como for, Valéria tem a impressão de que não é a única menina desinformada. Nunca se importou. Há alguns meses atrás ela ainda brincava com bonecas que tinha em

casa e Carol as tinha herdado. Também se vestia como uma criança. Pensava como uma.

Tudo mudou quando começou a ouvir a Nina e as suas amigas, aprendeu um monte de coisas, também quando começou a ficar com o Ben, ele ensinou muitas coisas a ela. Despertou os seus sentidos. Ele explora tudo nela, como nem ela mesma imaginava ser possível. Roubou sua inocência, no entanto, ela concordou. Agora é uma mulher, por fora não parece muito, ainda que no seu rosto ainda exista um pouco de inocência. O é. É uma mulher desinformada sobre as partes do seu corpo. Não sabe nada dela, nem das suas mudanças, nem dos seus hormônios, nem de como deve se cuidar.

—Agora poderá gerar bebês. É uma mulher completa. E deve se proteger.

A cara de Valéria ficou inexpressiva, sabia que não era virgem? O que é uma mulher “completa”?

—Mas eu não faço nada disso. —A sua voz saiu tremida.

—Eu sei Valéria. Porém tem que saber isso. Todas as garotas deviam saber. —Deixou os seus cadernos na sala de professores, Valéria guardou os absorventes na sua mochila—. A minha também veio tarde. Na verdade, aos dezenove. Você tem dezessete, certo?

—Ahã... —disse insegura. A verdade é que preferia ter esta conversa mais com uma professora do que com a sua mãe. Se fosse a Claribel teria descoberto, ela pode ver através dos seus olhos. Descobre aquilo que esconde ainda que não o demostre.

—Pode ser que comece amanhã, numa semana, ou em um mês, talvez em anos. Mas quando iniciar sua vida sexual ativa deve se proteger. Não vai querer ficar grávida sem estar preparada, certo?

—Ahã...

—Pílulas, preservativos, injeções... Há muitas formas. Isso está claro para você? Conhece os métodos?



—A nossa professora de educação sexual foi muito clara nesses tipos, e outros mais, mas professora, eu não penso em fazer isso agora. Espero chegar virgem ao matrimônio. —Sorriu nervosa, os seus olhos estavam brilhantes—. No entanto, obrigada pela sua ajuda. —Tocou na sua mochila—. É sério, obrigada.

Valéria tropeçou quando tentou sair da sala de professores. Depois colocou o seu cabelo atrás da orelha e respirou profundamente.



—Já é uma mulher! Já é uma mulher! —Nina falou várias vezes. —Isto tem que ser comemorado! Espera o que sua mãe disse?

—Fez um alvoroço, igual a você.

—Isto é tão divertido. —Aplaudiu saltitante.

—Não é divertido. Tenho vontade de bater com força em alguém. —Valéria olhava para chão enquanto caminhava.

—Ainda não entendo por que veio tão tarde —disse.

As duas dirigiam-se para o ginásio, onde estavam todos devido a um jogo de basquetebol dos rapazes do bairro.

Eram as seleções, várias equipes de diferentes bairros tinham um jogo para definir quais iriam às finais. Este jogo, entre Surcuros e Lobos, jogava na quadra do bairro.

Normalmente nestes jogos vêm muitas pessoas e cobram-se entradas, mas quando são as seleções, e não as finais, não vão muitas pessoas, portanto, a entrada é grátis.

Valéria pode ver o Sombra, de longe, suando debaixo dos incessantes raios de sol. Pode ouvir as meninas suspirando por ele, e não pode gabar-se de como as suas mãos são suaves no corpo. Pode vê-lo à luz do dia por muito tempo, talvez ninguém note que olha apenas para ele.

—A minha mãe diz que é de família, que ela foi aos dezoito, e a professora diz que não é nada, que ela foi aos dezenove.



—Eu não sabia bom, agora quando “perder os três”, tem que usar proteção. Não vai quer ter um filho nesta altura. —Aproximou-se de Valéria, tocando no seu braço—. Eu ouvi casos em que as meninas ficam grávidas na primeira vez. Não quer que isso aconteça contigo, certo?

Nina entrou pelo portão da grade e sentou na arquibancada. Valéria hesitou um pouco. Não queria estar grávida. O seu pai iria matá-la. A sua mãe morreria de desgosto. Destruiria tudo, ainda mais do que já estava agora. Como é que algo tão bonito como um bebê poderia destruir tão catastróficamente vida de alguém?

—Então, não vem?

Valéria foi para onde estava Nina e sentou-se junto dela. Há algumas pessoas mais ali também, outras fizeram um círculo em volta dos rapazes no meio do campo.

O Sombra e outro rapaz estavam discutindo, Valéria não chega a entender o que se está acontecendo. Ia separa-los e dizer ao rapaz para se afastar do Ben.

Não pode. Ela é uma menina. O rapaz tem músculos, e supõe-se que ela não fala com o Ben. Como vai então defendê-lo?

Ben saiu disparado para o banco, não ia discutir mais. Enquanto caminhava viu Valéria olhando para ele. Ela estava com um casaco, lembrou-se que era novembro. Que fazia um pouco de frio.

Não tinha voltado durante toda a semana depois que ele disse que apenas a desejava. E agora estava ali, observando-o de longe quando podia vê-lo de perto.

—Sombra, o que aconteceu? —pergunta Nina quando ele chega na arquibancada, ali tem o seu casaco—. Por que discutiam?

Ele olha e depois responde:

—Cometeu uma falta, é um maldito trapaceiro. —Vestiu de novo o casaco—. O que vocês fazem aqui?

“Vocês”. Tinha-se referido a Valéria? Se for assim, então não vê razão pela qual não possa responder.

—Vendo o jogo. —Valéria sorriu. O Sombra olhou para cima, o sorriso dela se apagou.

—Já acabou. —Olhou para outro lado e depois foi embora.



—Está aqui desde quando? —Ben tinha algo nas mãos, guardou quando sentiu que ela estava próxima.

—Acabei de chegar —respondeu levantando as mãos.

—Venha aqui.

Valéria aproximou-se e lentamente sentou na cama junto dele. Tem o calor dele. Sentia falta disso.

—Pode tirar fotos com isto sempre que quiser. —Era um celular touch screen, a câmara frontal estava ligada. Valéria olhou para o celular e viu a si mesma refletida nele.

—De onde o tirou? —Não sabe nada sobre essas coisas. Mas sabe que é bastante caro. E não é como o que tinha o Gregório, é maior mais leve e fácil. Será que o roubou de alguém?

—O meu pai, é que ele vive bem.

—E então porque vive aqui?

—Por você —disse e sorriu—. Também porque não gosto de viver do dinheiro da minha madrasta, entende?

Valéria concordou. O Sombra deslizou a mão pelo seu pescoço e começou a beijá-la. Valéria seguiu o seu beijo. Sentia energia por todo o seu corpo.

—Hum... —interrompeu o beijo—. Não vim para fazer isso.

—Veio para quê? Mais dinheiro? —perguntou—. Não estou cobrando, mas não vou emprestar mais, por que depois não poderá pagar e vai deixar de vir aqui por causa disso.

—Estou menstruada. —Soltou sem ouvir o que ele dizia.

—O quê?

—É minha primeira —continuou dizendo e olhando-o nos olhos—, já não pode fazer isso. Não quero ficar grávida.

O Sombra coçou o queixo unindo as palavras do que ela acabava de dizer.

—Não me importaria de ter um filho com você, gosto dos seus olhos.

Por vezes, o Sombra, Ben, é muito confuso. Porque diz coisas como essa, faz Valéria acreditar que ele está apaixonado por ela, que gosta dela realmente e que o seu vínculo é forte. Mas não. Não é nada.

—Porém quero me proteger.

—Tenho preservativos. Às vezes uso-os contigo, outras vezes me esqueço. —Apertou sua cara com a mão—. Não sabia disso, mas ainda assim não sou tão descuidado, Val.

—Apenas cuida de não esquecer nunca mais —Pedi-lhe e depois o abraçou por um longo tempo. Foi um impulso—. Tenho que ir, Ben.

—Valéria... —chamou-a antes que saísse pela porta do seu quarto, ela virou—, se o Gregório te convidar para sair, sai com ele.

Valéria divagou de onde vinha isso? Sair com o seu melhor amigo estando com ele?

—Não vai se chatear comigo? —perguntou.

—Não, não me chateio. Eu também poderia está saindo com outra.

—E vai se deitar com essa outra? —perguntou sem pensar duas vezes na pergunta.

—Não sei Valeira, para que quer saber? Por acaso perguntei o que ia fazer com o Gregório? —respondeu irritado.

—Não vou fazer —respondeu devagar. Voltou a andar para a rua.

CAPÍTULO 6

O ENCONTRO

É domingo, Valéria e os seus irmãozinhos vão para uma escola dominical. Ainda que ela sinta que é injusta a forma como vivem agora, acredita em Deus e, surpreendentemente, não o odeia.

Algumas vezes perguntava por que tudo isso acontece. Porque ocorrem coisas ruins? Outras vezes, duvidava que existisse de verdade, mas como não se convencia da sua não existência e não tinha nenhuma outra prova firme que o confirmasse, e sim mais argumentos sobre a sua existência, acreditava nele.

Valéria gosta de orar a Deus e ir à igreja. Contudo não gosta das pessoas da igreja. O Monte de Nazaré é uma igreja pentecostal que fica no final da rua que está em frente ao seu bairro. Praticamente não está situada no seu setor, era um setor muito melhor, e os membros da igreja eram de uma classe social mais elevada, a grande minoria pobre, como Valéria, nem era notada.

Não é de estranhar que se sinta excluída pelas meninas da igreja. Talvez não fosse notória a diferença entre sua roupa e a das meninas de seu bairro, mas notava-se sim entre as das meninas do Monte de Nazaré. Quando ia ouvir os sermões à noite, se sentia atacada. Como se tudo o que dizia o pastor a denegrisse e a fizesse sentir-se pecadora.

Nem sempre é o mesmo pastor, aí está o ponto, trocam a cada domingo. Só há apenas uma coisa em comum: todos os discursos

coincidem em que ela é uma pecadora e que viverá por uma eternidade no lago de fogo e enxofre.

Não a apontam, nem sabem o seu nome. Porém Valéria sabe que falam com ela, sobre ela, sem piedade. Talvez Deus esteja enviando um sinal.

Mas também a culpa não é sua. É que não pode parar de fazer. É o que, de alguma forma, a mantém viva, e talvez ninguém entenda. Nem sequer sua conselheira da aula dominical, que diz que o sexo antes do matrimônio é pecado.

E Valéria realmente não acredita ele queira se casar.

Os três irmãos vêm de mãos dadas e cantam um dos coros da igreja. Ao entrar no quarteirão do bairro nota-se a mudança de ambiente. Algumas vezes é tão radical, que de olhos fechados, Valéria, conseguiria identificar que chegou ao bairro, os sons, os cheiros, tudo.

Está fitando o chão, para, alguém com uma calça jeans azul está na sua frente. Levanta a vista e vê, é o Gregório, ele a olha com um sorriso. Tenta sorrir, mas não o faz.

—Esta noite... —disse—. Deixa eu te comprar um sorvete.

—Eu quero sorvete, Valéria! —gritou Carlitos. Carol o repreendeu com um olhar.

—Silêncio, Carlitos. —Carol colocou o dedo indicador nos lábios.

—Eu não posso. —Valéria respondeu com pena negando com a cabeça—. Desculpa.

—Se não quer ficar sozinha comigo, não sei, o teu irmãozinho pode ir também. —Gregório caminhava ao seu lado.

—Eu quero ir, eu quero ir! —Carlitos parou e começou a pular.

—Carlitos!

—Carol, não grite assim. —Valéria olhou para o seu irmão em sinal de reprimenda enquanto o agarra pelo braço. Nesse

momento recordou daquilo que disse o Sombra. Que saia com o seu melhor amigo? Sérico? —. A Carol também?

—Claro —suavizou a voz e sorriu. Depois, acariciou a bochecha de Valéria e deu-lhe um beijo ali—. Te vejo depois.

Ficou ali parada por uns segundos. Rapidamente voltou a andar, outra vez com fitando o chão, as crianças continuavam a cantar, mas Valéria já não podia. Estava se perguntando como é que o Sombra sabia que o seu amigo ia convidá-la para sair, conversam sobre ela? Não seria incômodo? Porque é que o Ben simplesmente não dizia ao Gregório que ela já estava com ele?



—O que ela respondeu?

—Aceitou! —disse com um sorriso—. Ainda que tenha de ir com os seus irmãozinhos. —Ainda assim, sua voz não soou decepcionada.

—Que pena, não poderá dormir com ela como planejado. —Inevitavelmente havia descontentamento na voz do Sombra.

—Valéria está cada vez mais linda, não vê? Só quero conquistá-la antes que mais alguém o faça. —Se existiu esse tom de voz, Gregório nem o notou. Continuava a olhar para o outro lado da rua.

—E se já estiver apaixonada?

—Eu duvido. —Esfregou as mãos enquanto via como o vento movia o vestido de Valéria e deixava ver um pouco mais das suas pernas.



—Mamãe, tem que me deixar lindo! —gritava Carlitos enquanto Claribel abotoava a sua camisa.

Valéria penteava o cabelo fazendo um rabo de cavalo alto. Pegou o batom que Nina ofereceu e passou nos seus lábios.

—E com quem é que vão à sorveteria? —perguntou a mãe da Valéria outra vez para estar segura. Já o tinha perguntado várias vezes.

Carol estava adorável com o seu vestido de flores e duas marias-chiquinhas no cabelo.

—O namorado de Valéria nos convidou para ir tomar sorvete —respondeu a menina.

—Namorado Valéria? Não é muito nova? —gritou para que ouvisse de dentro do banheiro.

Valéria bufou, e saiu do banheiro:

—Namorado? Sério que acreditou? É um amigo, você o conhece, é o Gregório.

Claribel assentiu e arrumou as meias ao seu filho.

—Ao menos vai com dois guardas pequenos que não deixarão que façam nada inapropriado.

—Como beijarem-se, mamãe? —perguntou Carol ao ouvido da sua mãe.

Claribel assentiu e ditou as regras. Consistiam em não chatear a irmã deles nem fazerem que ela passasse vergonha, também não podiam pedir nada que não fosse antes oferecido primeiro pelo Gregório.

Quando as crianças já saíam para a rua, Claribel agarrou o braço de Valéria.

—Tem que se cuidar, Val. É uma mulher. Se te tocar em lugares que te fazem sentir desconfortável, dê um tapa. Não fica com medo. É linda, está bem? Se não der certo com ele, dará com outro. É o primeiro de muitos.

Valéria olhou-a tão confusa quanto o seu rosto refletia.

—Por que me disse todas estas coisas?

—Porque em algum momento tenho que te dizer, e agora que vai sair pela primeira vez com um rapaz...



—Sim, mas somos amigos, e mãe, vou com os meus irmãos.
—Beijo-a na bochecha e foi encontrar com as crianças lá fora.

Talvez se sua mãe soubesse que aquilo do qual tentava protegê-la agora já não é válido, talvez não a deixasse sair agora. Mas não o sabe. Desconhece-o, ou simplesmente o ignora.



Gregório levou Valéria a uma sorveteria que ficava a cinco quarteirões depois da escola. Levou-a no carro que tinha sido reparado pelo Sombra nessa mesma tarde.

—Onde arrumou este carro?

—O Sombra, o Ramirez e eu o compramos. Vamos fazendo rodízio para usá-lo. —Sorriu-lhe.

Na sorveteria Carol e Carlitos brincavam com os brinquedos do estabelecimento enquanto Gregório falava com Valéria. Ela ficava com vontade de rir quando Carol olhava para ela e fazia um sinal para que soubesse que estava de olho.

Quando se levantaram para comprar os sorvetes, no caminho de volta ao lugar, Gregório tentou beijar Valéria, mas ela esquivou-se.

—Desculpa.

—Não, não, me desculpa Gregório. É que não preciso de uma relação agora.

—Está bem. Não quero que pense que eu quis aproveitar de você. —O rosto triste com que ficou Gregório fez com que o coração de Valéria sentisse pena. E agarrou sua mão.

—Podemos ir devagar, não sei, nos conhecermos, está bem?

Gregório concordou. Valéria levantou-se da sua cadeira para dar um beijo na bochecha do Gregório. E nesse mesmo instante sentiu como se estivesse traindo o Sombra.





—Na quarta-feira disse à sua mãe que tinha dormido na minha casa, mas adivinha? Não é verdade. —Nina sorriu com os dentes todos—. Não me interprete mal, estou orgulhosa de você, mas onde diabos passou a noite. Val?

Valéria e Nina estavam sentadas há um bom tempo num murinho de uma casa no lado escuro da rua, estavam conversando do seu encontro com o Gregório. Era tarde, perto das dez e Valéria ainda não queria ir se deitar. Sentia-se decepcionada, sem vontade de nada.

Valéria fechou os olhos. Não queria responder.

Nina notou.

—Val, não vai contar para sua amiga? —Falou como se estivesse decepcionada.

O que ia fazer? Sério, que ia dizer?

—Amigas para sempre, Val, lembra. —Alçou o mindinho e sorriu com a cabeça de lado.

—Na casa de um rapaz. —Valéria olhou para Nina e depois fechou os olhos à espera da sua reação.

—Eu sabia! —Nina saltou dando um grito, depois se agachou para sussurrar—. Já “perdeu os três”! Eu sabia, eu sabia!

Valéria deixou escapar um sorriso pela reação da sua amiga. Nesse momento, não se sentiu tão mal. Talvez o que ela estivesse fazendo não fosse assim tão mau, em absoluto. Era normal, uma fase.

—Espera... quem é que os tirou?

Valéria não respondeu e apenas a olhou.

Nina sentou-se de novo ao lado de Valéria.

—Foi quando me perguntou se tinha doído a minha primeira vez? Desde esse tempo todo?! E porque não me contou? Continua fazendo como se não fosse nada?

Valéria sentiu-se entristecida com as perguntas. Abriu a boca, suspirou, depois fechou.

—Na verdade, eu estava... —Voltou a falar.

—Foi o Gregório, certo? Eu sabia! Todos falavam desse rumor e eu desmentia-o. Aqui todos pensam que você e o Gregório estão juntos em segredo.

Todo o bairro pensava isso? Talvez por isso o Sombra tenha pedido para sair com ele. Ele desejava que pensassem que eles dois estavam juntos para que ninguém suspeitasse da verdade.

Tinha que parar o boato antes que chegasse aos ouvidos da sua mãe. Caso contrário ela ia chamá-la de mentirosa. Mas como o faria?

—E... foi bom? Como te tratou o Gregório? Como te trata agora? Ensinou muitas coisas? Oh Meu Deus! —Nina tapou a boca, depois tirou as mãos—. Como é que não notei isso? As suas ancas cresceram!

“E provavelmente é mentira” pensou Valéria, mais tarde iria confirmar.

—Diga a todos que continuo a ser virgem, por favor, Nina, diz que eu te contei.

Nina cruzou os braços.

—Mas, por quê? Gregório é um bom rapaz. E não fala de você com os outros rapazes. —Nina estava confusa.


—Quem começou o boato?

—Eu não sei Valéria. —Levantou os ombros, no seu tom de voz havia irritação.

Valéria levantou-se do murinho.

—Já é muito tarde. É melhor ir dormir.

Nina levantou os ombros.



Valéria não gostava do Gregório. Ele era lindo, portou-se bem com ela ao concordar em levar seus irmãos à sorveteria. Porém nesse momento, Valéria pensava, era no Sombra, era quem navegava na sua mente durante toda essa semana.

E depois a confusão, o desejo de estar com ele todos os dias, e os sentimentos que cresciam nela. Se olhasse para trás, ela nunca tinha se imaginado como uma pessoa que fosse depender de outra, mas era tudo o que ela era agora.

CAPÍTULO 7

ALIMENTAR OS RUMORES

Valéria está encolhida na cama. Tem os joelhos dobrados e a sua cabeça para baixo com o olhar na direção das unhas dos seus pés. Sente o toque dos doces lábios do Sombra nas suas costas. Eles fazem um som e depois volta a ouvir como ele respira pelo nariz e toca com os seus dedos nas suas costas. Deixa um rasto frio quando se afasta para depois voltar a beijar.

—Por que não beijou o Gregório?

Valéria levantou a cabeça. Os ossos das suas costas mexeram-se.

—Não queria.

—Por quê? —perguntou-lhe—. Por que não o fez Valéria?

—Porque senti que estaria te traindo —respondeu rapidamente.

—Me traindo? —Olhou-a nos olhos—, nós não somos nada...

—Seja o que for que temos Sombra! —respondeu-lhe, não costuma chama-lo Sombra, e sim Ben, mas desta vez escapou—. Ainda que talvez você pense que sou uma vadia, não o sou. Deito-me contigo e não penso em fazer o mesmo com o Gregório.

—Valéria.

—Talvez queira isso. Que todas as pessoas pensem que ele e eu saímos, mas não o quero.

O Sombra sorriu, e beijou Valéria até que a montou em cima dele.



—Alegra-me que não tenha feito —disse antes de beijá-la—. Porque assim não me sinto tão mal por não ter batido nele quando chegou de noite.

—Porque ia bater nele? —Deixou de beijá-lo e olhou-o nos olhos.

Ele não respondeu, começou a beijar o seu pescoço e depois sua boca. Valéria deixou de se queixar.



Valéria estava fazendo o jantar para as crianças e sua mãe, quando Nina estrou em sua casa e se sentou numa das cadeiras de madeira. Valéria voltou-se e olhou para ela.

—Nina, oi. O que foi?

—Vim te buscar —respondeu—. Olá, mãe da Val! —Cumprimentou Claribel quando ela saiu do quarto para ver quem tinha chegado a casa—. A Valéria pode vir comigo conversar na calçada em frente à casa da Rose?

Claribel olha para Valéria e depois para Nina.

—É que Valéria tem de fazer o jantar e depois lavar a louça.

Nina fez cara de pena.

—Por favor —suplicou.

—Mãe, posso ir quando acabar?

—Se não for muito tarde —disse entre dentes cedendo sem querer.

Valéria sorriu para Nina antes que fosse embora.

Quando já estava terminando de esfregar a panela onde tinha feito o esparguete, lembrou-se que tinha uma prova no dia seguinte e que tinha de estudar com as anotações que Sabrina tinha emprestado. Secou as suas mãos na calça jeans que vestia e correu para sua mochila da escola, tirou um papel e começou a memorizar os conceitos dos diferentes tipos de orações.



—Mãe, eu estou indo! —gritou quando abria a porta de madeira.
—Primeiro coloca as crianças para dormir, Valéria! —respondeu-lhe.

Valéria bufou e voltou arrastando os pés. Já queria ir embora dali. Foi ao quarto das crianças e mandou-os escovar os dentes, depois os deitou e ficou com eles até que o Carlitos adormecesse.

—Valéria? —Carol encontrou o ombro descoberto da sua irmã.

—Sim? —respondeu sussurrando, não queria acordar o Carlitos.

—Algum dia o papai vai voltar? Disseram ao Carlitos que foi trabalhar longe, eu oro a Deus para que volte, mas não acha que já passou muito tempo?

—Carol —disse com tom doce acariciando a bochecha—. Meu amor, pede a Deus que ajude a nós primeiro.

—Eu sei que ele não foi trabalhar, ele nos deixou porque somos pobres, verdade?

—Pobres? —perguntou Valéria e levantou-se—. Lembra o que disseram na igreja?

—Não! —respondeu—, não presto muita atenção.

—Pois devia Carol! —Riu e bateu levemente no joelho dela—. Disseram que se o seu coração é limpo, é uma pessoa rica. Lembre-se sempre disso, linda. Dorme bem.

—O Gregório vai nos levar para sair de novo algum dia? —Perguntou Carol.

Valéria já ia saindo do quarto quando ouviu isso.

—Não sei.

Antes de sair de casa, Valéria foi ao quarto da sua mãe para dar um beijo em seu rosto e Claribel deu quinhentos pesos para que pagasse à vizinha. Valéria alegrou-se porque iria à casa do Sombra pagar-lhe. Mas quando foi ele não estava lá, tudo estava escuro e estranhou que já passasse das dez e ele não estivesse em casa.

Valéria guardou o dinheiro nos seus sapatos e foi para casa da Rose sem olhar para frente, só olhava para as anotações para

prova. Quando estava perto, dobrou o papel e guardou no bolso das calças.

Aproximou-se e estavam todos numa grande roda que ocupava metade da rua e metade da calçada, onze pessoas ali sentados.

Olhou para os lados, havia duas pessoas mais afastadas, num canto. Estavam se beijando, e quando Valéria se aproximou o suficiente da roda, descobriu que eram o Sombra e Sara.

O seu semblante caiu e sentiu que sua testa ficava grande e ocupava toda sua cara.

—Valéria, vem aqui! —Nina chamou Valéria para que se sentasse junto a ela na roda.

No meio havia uma garrafa. Valéria tinha o seu olhar perdido na garrafa quando Nina lhe sussurrou:

—Estamos jogando o jogo de girar a garrafa, e olha quem está ali!

Valéria cruzou olhares com o Gregório e ele sorriu antes de fazer girar a garrafa.

Ela dava voltas com todas as palavras bonitas que o Sombra às vezes lhe dizia. Nesse momento o odiava. Como se atrevia a ficar com ciúmes se ela tivesse beijado o Gregório, mas ele podia beijar a Sara? Que idiota.

A garrafa parou na Argentina, ela arrumou os caracóis do seu rabo de cavalo e disse:

—Posso ceder a minha oportunidade para alguém...? É que não quero me meter nos assuntos de outras.

Alguns sorriram. Era como se todos estivessem fazendo um complô.

—A quem vai dar amiga? —perguntou Rose com um sorriso na boca.

—A Val, minha querida Val. —Argentina apontou para a Valéria e ela levantou a vista. O que disseram? Ela não ouviu nada. Estava

muito ocupada com uma guerra na sua mente: “mandar o Ben à merda ou não”.

Valéria levantou uma sobrancelha e perguntou:

—O quê?

Argentina pegou na garrafa e colocou-a na direção de Valéria.

—Tem que beijar o Gregório. Não que seja novidade.

Valéria sentiu as suas orelhas arderem, na frente de todos? Na frente do Sombra? Ainda que ele não estivesse ali exatamente, ele estava num canto afastado e continuava conversando com Sara.

Levantou-se do chão e caminhou até o centro. Gregório também caminhou até o centro e por um momento estavam eles frente a frente. Ele era lindo e tinha um sorriso terno no rosto. Valéria fechou os olhos e inclinou-se para lhe dar um beijo de meia lua, na metade da boca. Mas antes que Valéria voltasse a descer, Gregório agarrou-a pelos cotovelos e beijou-a. Fazendo com que Valéria se inclinasse para trás.

Estava beijando-a de verdade, não como se fosse um jogo, e todos começaram a vibrar.

—Arranjem um quarto! —gritou Argentina colocando as mãos uma de cada lado da boca, e aí, Gregório soltou Valéria.

Valéria voltou a sentar com um inevitável sorriso na cara. E quando alguém disse algo engraçado, riu com vontade.



No decorrer da noite, Valéria não tinha beijado apenas uma vez Gregório, mas sim três vezes. Pensou que todas faziam por maldade, quando giravam a garrafa e caía nelas, passavam a vez para Valéria.

Mas não era isso que ele queria? Que todos pensassem que ela e Gregório estavam juntos?

O Sombra chamou o Gregório e ele se levantou. Tinha um sorriso desenhado na cara. O Sombra enfiou as mãos nos bolsos e disse um par de coisas ao ouvido do Gregório.

—Mas vai agora vê-lo?

—Sim, porque não?

—Está bem. Vai. —Tocou no ombro do amigo e voltou para roda.

Do seu lugar, Valéria via como o Sombra ia embora junto com Sara e nem sequer a olhou. O que será que disse ao Gregório? Era tudo atuação ou de verdade que o Gregório estava interessado nela? E se toda a cena de Ben e Sara esta noite tivesse sido apenas isso, um cenário?



—Fico contente que tenha vindo me ver —disse, na sua face há tristeza—, como vai?

—Normal.

—E já tem uma namorada que queira me apresentar?

Ben pensou na Valéria, depois a imagem dela beijando Gregório afastou o que ele ia dizer.

—É complicado. De toda forma, o que pode sair de bom dali?

—A sua mãe era dali, Ben.

—Bom, sim. Mas as coisas não acabaram bem, ela...

—Ben. —Ele ficou em silêncio. Continuou a beber milk shake de chocolate que tinha—. Já quer voltar?

—Não, pai —respondeu. Moveu o copo para frente. Em volta do recipiente já começava a condensar formando gotas.

—Precisa de dinheiro? Vem me visitar ou deixará que eu te visite?

Ben olhou para cara do seu pai, com um pouco de rugas, mas ainda com os traços firmes que ele tinha herdado. Quase que estava irreconhecível com o seu terno caro e os seus sapatos de griffe.

—Você se atreveria a visitar a casa da sua falecida esposa? Não pai. Não o faria, deixa de fingir que se importa comigo e me dá o que vai dar.

—Não finjo Ben, me importo contigo, por isso continuo a te dar dinheiro ainda que já seja um adulto, entende?

Ben ficou em silêncio, tirou a tampa do copo e bebeu o milk shake de uma só vez.

O pai de Ben suspirou.

—Me disseram que faz parte de uma gangue, os “Norcuros”.

—Norcuros? Surcuros, quer dizer.

O pai de Ben aproximou-se do seu filho.

—Não se meta em problemas, por favor. A tua mãe não ia querer isso.

—Não o farei, não vivo sozinho desde os quinze anos?

—Sozinho? —O pai de Ben sorriu—. A Rebeca cuidou de você até os dezessete.

—A mesma que roubava o dinheiro que você me dava para ir se drogar? Oh sim, que grande ajuda, ter de cuidar de uma mulher mais velha que eu. —Ben levantou-se da cadeira—. Vou-me embora, velho, que já é tarde e sabe como é a rua.

O pai de Ben levantou-se e deixou o dinheiro na mesa para pagar conta. Ofereceu-se para levar Ben em casa e este aceitou. A viagem no carro foi silenciosa. Depois o veículo parou em frente à sua casa, abriu a porta.

—Aqui Ben. Para este mês. Não gaste com besteira.

O seu pai tinha dado a mesada de costume. Ben não precisava realmente dela, os seus gastos eram mínimos e tinha poupança. Se não fosse pela Valéria, porque gostava que ela jantasse com ele algumas noites, não mantinha a dispensa cheia. Valéria era o seu vício ultimamente. E isso o atormentava às vezes.

Ben entrou em casa e trancou a porta à chave.

Quando Ben tinha quatorze sua mãe cometeu suicídio, isso foi o que disseram os médicos e a polícia. Quando o pai de Ben, bonito e jovem, ficou solteiro, conseguiu casar com uma mulher rica. Ela era dona de uma empresa que se desenvolveu muito. Era velha, solteira e sem sorte no amor. O pai de Ben foi a sua salvação e vice-versa.

Quando Ben foi morar com o seu pai e sua nova madrasta, tudo virou um inferno. Sentia falta da sua mãe, sentia falta do seu bairro. O luxo no qual vivia não o preenchia. O que aconteceu, ele foi ficando revoltado e insuportável com sua madrasta. O seu pai decidiu que o filho tornaria a vida dos dois um inferno, devia se livrar dele. Então perguntou:


—O que é que você quer?

E ele respondeu:

—Voltar para a minha casa.

Assim, aos quinze anos, Ben mudou-se outra vez, depois de um ano, para o bairro onde tinha nascido, continuou a viver na casa da sua falecida mãe com Rebeca, a drogada, que cuidava dele. O seu pai sempre o visitou, mas começou a ir apenas uma vez por mês, ou mandava o dinheiro por alguém. Quando se deu conta de que estava perdendo o seu filho, voltou a visitá-lo, aumentou a mesada e oferecia presentes caros.



Ben transformou-se no Sombra, porque tinha sempre um gorro ou casaco preto, ficava parado na esquina com os seus amigos e quase não falava. Pouco se lembravam de que o Sombra era o Ben sorridente de quatorze anos que jogava basquetebol. Era uma sombra daquilo que foi um dia. Era ninguém e alguém. O Sombra era uma pessoa que estava muito apegada ao seu bairro, onde tinha enterrado o seu umbigo e onde podia continuar a pensar que era ele e ninguém mais. Além disso, Valéria, a menina magra que de vez em quando brincava na casa de Rose, era uma das razões pelas quais ele não se queria mudar.



Quando correu o rumor de que Valéria estava dormindo com todos no bairro, Ben não acreditou. Porque ele a observou por algum tempo e simplesmente concluiu que ela não seria capaz, mas quando ela foi a sua casa naquela noite, jogou tudo fora. Eram verdade os rumores.

E depois se deu conta de que eram mentiras.

Não sabia por que Valéria voltava, entretanto agradava a ideia de que fosse ficar com ele e não com outro. Guardaria o segredo, não havia problema. Se Ben nunca viu Valéria como uma candidata, ela podia agradá-lo, e ela precisava dele. Mas sem se dar conta, Ben também precisava de Valéria.





CAPÍTULO 8

DESAPARECIDO

Valéria voltava cedo da escola porque estavam em período de provas e o colégio dispensava os alunos depois das dez. Estava há uma semana sem falar com o Sombra e sem o ver. E planejava durar mais. Entretanto, Gregório engendrava formas de busca-la aonde fosse preciso e sair com ela.

Quando Valéria chegou em casa, Claribel deu-lhe os outros quinhentos pesos que faltava para pagar à vizinha, que não realidade era o Sombra. Lembrou-se que não tinha dado o valor na outra noite porque simplesmente não se atrevia a falar com ele na frente de todos, e ainda mais estando ele com Sara.

Será que ele pensa que ela quer ficar com o seu dinheiro? Foi correndo ao seu quarto e procurou nos ténis que tinha calçado naquela noite para ver se encontrava os quinhentos pesos. Soltou uma enorme lufada de ar quando os encontrou.

Saiu correndo até à casa do Sombra. Não falaria mais do que o necessário, e mais, nem sequer iria entrar na casa. Ainda estava magoada. E ainda que por vezes sentisse a falta dele, conseguiu não estar com ele por uma semana inteira.

Na parte de fora da casa do Sombra ouvia-se uma música muito alta, e Valéria teve que tocar várias vezes a campainha para que a ouvissem do lado de dentro. Passados alguns minutos, o Sombra abriu a porta.

—Já se cansou do Gregório, Valéria? —O seu tom de voz era vazio, mas transmitia desdém.

—E você já se cansou da Sara? —respondeu.

—Deixa de ser infantil. —Deu a volta e deixou a porta aberta.

Valéria resignadamente sacudiu a cabeça e tirou o dinheiro do bolso.

—Eu não vim te ver, Ben, vim te pagar o dinheiro que devia.

Ben olhou para o dinheiro na mão direita de Valéria.

—Esquece isso. —Fez uma careta com a boca.

—Não, toma —insistiu levando sua mão para frente—. Não quero que pense que me aproveito de você.

—Neste caso, sou eu que me aproveito de você —respondeu-lhe, passando a mão no seu cabelo. Depois respirou fundo. Semicerrou os olhos observando-a. O que diabos Valéria planejava?

—É por isso que não voltaremos a nos ver, certo? Porque já não é de mim que se aproveita, é da Sara.

E isso a chateava.

O Sombra deixou Valéria ali na porta e foi sentar-se no sofá. Começou outra vez a mexer com o aparelho touch screen que tinha, e que uma vez ofereceu a Valéria para que brincasse com ele.

—Posso aproveitar-me das duas... —zombou. Valéria ferveu de raiva. Não se mexeu, as suas mãos fecharam-se num punho—. Se quer entra ou então sai, não gosto de ficar com a porta aberta.

Valéria sentiu-se desiludida, isso era verdade? Ele não a queria, já tinha dito, então por que era tão ingênua? Sempre pensando que ele queria ainda que fosse minimamente... Era tão sonsa.

—Você queria isso. Que eu beijasse o Gregório, por isso o fiz.

—Pedi que saíesses com ele, não que ficasse o beijando na frente de todos, como uma qualquer, se comportando como uma das tuas amiguinhas. Estava ridícula. —Levantou-se—. Por mim...

—Apontou para o seu próprio peito—, pode deitar com ele, deixar



que ele faça o que quiser, mas não na frente de todos. Realmente quer ter essa imagem aqui no bairro?

Ela deixava que o Sombra fizesse o que quisesse com ela, porém era em segredo, referia-se a isso? Queria compartilhar ela com um amigo? Valéria apertou os lábios. O que era real? Não o entendia. Não o entendia. Estava cheia de raiva, com mal-estar.

—Mas você beijava a Sara —provocou.

—Sou homem. O que importa a imagem que passo? Além disso, a Sara também é uma qualquer —respondeu sem dar importância.

A cara de Valéria encheu-se de nojo.

—Certamente que fala assim de mim com os teus amigos.

Ben se ofendeu que Valéria pensasse isso. Aproximou-se dela e levantou o seu queixo para que ela o olhasse sem afastar a vista. Mas ela nunca afastava. Amava olhar direto nos seus olhos. Era a sua forma de estar conectada. Era a sua forma de falar honestamente com ele.

—Eu não falo de ti, Valéria, tu és o meu segredo que não partilho com ninguém. —O hálito de Ben chocou com a sua bochecha.

Valéria passou o seu lábio superior por debaixo dos seus dentes.

—Me magoou te ver beijar Sara como me beija, porque por alguma razão estúpida, gosto de você. —retratou-se, uma sensação estranha invadiu o seu peito, negou com a cabeça. A voz saiu tremida, se afastou dele—. Ao menos antes gostava de você, e agora não... já passou. —Levantou os ombros.

Valéria deixou cair o dinheiro no chão e foi embora. Ben não levantou a vista até que Valéria já tivesse ido embora, gostava dele?



Que mentirosa era. Gostava dele desejava-o tanto que as suas mãos tremiam de necessidade. As lágrimas continuavam a correr pela sua face. Porque não sentia nada por ela?





Valéria agarrou-se à borda do tanque que sempre estava cheio de água no pátio da sua casa e afundou a cabeça de uma vez.

—Valéria! —Ouviu que a chamavam lá fora, mas a água à sua volta distorcia a voz—. Valéria cadê você?

Valéria tirou a cabeça da água e começou a puxar todo o ar de uma só vez. Quando se olhou num pedaço de espelho partido no chão, os seus olhos continuavam vermelhos.

—Estou aqui, mãe! —O seu peito inflava e esvaziava, procurando encher o sangue com oxigênio novo.

—Prepara o leite para o bebê! —ordenou sua mãe.

A mãe de Valéria, Claribel, estava cuidando de um bebê de poucos meses para conseguir um pouco de dinheiro para aguentar esta semana. Valéria secou a cara e preparou o leite. Lambeu o pó que ficou no dedo. Nesse momento lembrou que tinha de lavar o seu uniforme, passou o leite à sua mãe, lavou o dela e o dos seus irmãozinhos.



Quando Valéria voltava do colégio e se dirigia à escola dos seus irmãos, de longe viu Carol brincando de rodar sua saia. Sentiu uma pontada de preocupação.

—Carol, onde está o Carlitos? —perguntou quando chegou ao seu lado.

Carol levantou o olhar, abraçou e beijou Valéria.

—Valéria, ele foi embora faz tempo.

—O quê?! Mas com quem? —Valéria sentiu o sangue gelar nas veias.

—Um rapaz aí, disse que era teu amigo e era muito bonito.

A mente de Valéria bloqueou. Quem teria levado o seu irmãozinho?



—Mas Carol, porque o deixou ir? Você tem que cuidar dele!
—Tratou de manter a calma. Falou devagar para que ela entendesse as suas palavras.

—Eu sei.

—Está bem, fique calma. —Colocou sua mão direita na cabeça—. Por que ficou?

—Porque me disse que era coisa de homens e que eu deveria esperar por você aqui —respondeu tranquila, notando que quem não estava calma era sua irmã.

Valéria colocou as mãos à cintura e respirou fundo. Que azar! Onde ia encontrar seu irmão? E sua mãe depois brigaria com ela? Isso era certo. Estava nervosa.

—O rapaz também te deixou isto. —Carol entregou o dinheiro.

Quando o viu soube que tinha sido o Sombra quem levou o seu irmão. Já fazia um tempo que não o encontrava. Quase quinze dias completos, por ele ter levado o seu irmãozinho assim, só pensava que se tratava de vingança.

Agarrou a mão de Carol e durante todo o caminho suplicou que mentisse para sua mãe e que ela contasse que tinha levado o Carlitos a um lugar que não sabia, prometeu que a levaria para tomar sorvete como recompensa por ter mentido. Depois correu até à esquina habitual e encontrou com o Gregório e os outros.

Valéria chamou Gregório com um gesto de queixo e ele se aproximou, não sem antes lhe beijar a face. Em pensar que o problema todo veio de um beijo dele, ou talvez porque o Sombra tinha beijado a Sara. Ele é o culpado. Porque tinha que ser ela a pagar?

—Cadê o Sombra? —perguntou cruzando os braços.

—Saiu com um menino pequeno no nosso carro.

—Para onde?

—Não sei —respondeu indiferente—, Vai fazer alguma coisa esta noite?

—Sim... tenho prova amanhã. —Valéria andava de um lado para o outro—. Adeus, Gregório. —Abraçou-o timidamente e voltou para casa. Mas não entrou. O que diabos ia dizer para sua mãe sobre paradeiro do seu irmãozinho de seis anos? Se encontrasse o Sombra ia matá-lo.

Valéria esperou pelo Sombra na porta da casa dele. Se tivesse um relógio poderia jurar que ficou horas ali e até tinha dormido. Levantou-se do pequeno degrau e caminhou de volta para casa... talvez, se explicasse à sua mãe que um rapaz tinha sequestrado o seu irmãozinho, ela não a culpasse, porque a culpa não era sua, será?

Quando Valéria chegou na sua casa deu-se conta de que já passavam das cinco, e recebeu um castigo por desaparecer o dia inteiro. A sua mãe levou um enorme susto e Nina estava procurando Valéria por todas as partes.

No momento que Nina foi falar com Valéria para repreendê-la, deu-se conta de todo o tempo que tinha desaparecido realmente. Não só Nina, mas até Gregório procurou por Valéria. E, além disso, Carlitos tinha chegado a casa as três, então, ninguém sabia onde estava Valéria nem o que estava fazendo.

E ela não sabia o que dizer.

Então ia buscar a resposta com o Ben. Não tinha autorização. Estava de castigo. Mas como sua mãe adormeceu cedo, foi questão de minutos para que escapasse de casa.

Por coincidência, quando estava chegando na porta da casa do Sombra, ele estava chegando também. Ela apressou o passo e empurrou o seu ombro com a mão.

—O que pensa que está fazendo? —Valéria serrou os dentes.

—Por que não vem mais? —ignorou a pergunta sem sentido que Valéria lhe fez. Queria saber. O que tinha feito agora?

Ela também se tinha perguntado. Por que não voltava se morria de vontade de vê-lo de novo? Se o desejava tanto, porque torturava a si mesma?

—O meu orgulho, suponho. —Deu de ombros, e afastou-se.
Ben a olhou entrou em casa e lançou o gorro em cima de um móvel.

—Então não entendo o que faz aqui.

—Te fiz uma pergunta.

—Eu te fiz outra. —Ben respondeu, tirou a camisa que vestia—. Olha Valéria, não vou negar que senti sua falta. Mas muito pouco. Vai embora e leva o seu maldito orgulho contigo.

—É por isso que beija outra? Por sentir minha falta? —perguntou. Agora estava ferida.

—Não há compromissos entre a gente!

—Mas pode haver. Porque não podemos simplesmente ser... namorados? —Valéria aproximou e tocou o seu ombro de novo, desta vez gentilmente.

—Não, Valéria, sem compromissos... vai querer que eu ame você, dê carinho e essas coisas, e não pode ser assim.

Que lhe dê carinho? Mas ele dá carinho nas noites que vai à sua casa, por acaso se esqueceu? Temia tanto assim que os outros o vissem com ela?

Não era isso, claro que não era isso.

Valéria mordeu o seu lábio para não chorar. Por que sempre fazia isso? Isso... de fazê-la chorar. Não entendia porque continuava a ter esperanças, ele nunca vai querê-la, ele só vai desejar o seu corpo. Usá-la como um objeto, sem compromisso.

—Sempre encontra uma forma de me magoar, e te odeio, odeio! —Apontou para o seu peito—. E não estou mentido desta vez!

—Vai dizer que não quer ficar comigo? —perguntou. Cada uma das suas mãos a agarrava pelos ombros.

—Estou amadurecendo e posso me controlar. N-não continuarei agindo como uma vadia. Não ficarei contigo se estiver ficando com outras, pode anotar isto.

O Sombra olhou para Valéria, que nesse momento abriu os olhos, pois estavam fechados.

—Quer ver? —Aproximou-se dela, muito perto, roçou os lábios nos dela como se fosse beijá-la. E Valéria queria que fosse assim, ele também. Mas o orgulho é poderoso, mais poderoso que o desejo, Valéria afastou-se.

—Não voltará a me tocar nunca mais. —A voz saiu firme, depois foi embora.

Ben chutou a porta para fechar e depois jogou contra a parede o único objeto decorativo da casa: uma pequena jarra da sua mãe, que bateu na parede e depois caiu no chão partindo em três grandes pedaços.

Estava chateado porque ela parecia dizer a verdade. Ele a fazia mal, era verdade, desejava, mas não a merecia. Não podia dormir no seu quarto porque se lembrava dela, na cama que eles partilhavam. Onde ela tinha deixado de ser menina... ele tinha roubado tudo. E a traiu bem debaixo do seu nariz, a vida era cruel com ele? Não. Na realidade, Valéria estava devolvendo tudo de mal que ele tinha feito.

CAPÍTULO 9

A BRIGA

E assim o fez. Ao menos até que as festas de natal terminassem e o vento de janeiro começasse a soprar pelas janelas das casas das pessoas. Era um ano novo, supõe-se que as pessoas deviam fazer uma lista de objetivos e prometerem que seriam pessoas novas e melhores. Até agora, o único objetivo de Valéria era não sentir tanto a falta dele, porque isso era o que estava fazendo todo esse tempo.

Ainda assim estava cumprindo com sua palavra. Ele não tinha tocado um dedo nela desde aquela noite. Talvez já estivesse amadurecendo. Já não precisava dele.

No bairro inteiro, isto é, entre todos os rapazes e moças, corria o rumor de que ela e Gregório tinham algo, era um boato, os boatos se espalham rápido, como pólvora. Havia um relógio em contagem regressiva para que alguma vizinha linguaruda fosse contar isso à sua mamã e então iria achar que ela era mentirosa, por todas as vezes que perguntou se havia algo entre ela e Gregório, ela negou.

Mas em compensação ao menos, graças ao boato, as amigas voltaram a aceitá-la no grupo definitivamente.

Por um tempo, Valéria sentiu que nunca mais iria voltar a beijá-lo e simplesmente por culpa do seu orgulho. Ele parecia tê-la

esquecido. Nem sequer parava na esquina, parecia invisível, talvez porque ela não ia vê-lo.

E talvez fosse melhor assim.

Sem sombra, sem ele. Assim ela ficaria bem. Tinha sua vida de volta.

Deus! Porque mente para si mesma? Ele está tatuado nela. Não pode apagar o seu nome da pele. Precisa dele. Mas vai contar para ele?

Não vai fazer. Não o faria, ainda que os seus ossos secassem por falta dele.



—A verdadeira vida é na madrugada, na escuridão. —Argentina dizia a todas. Valéria tinha a cabeça deitada nas pernas de Nina e olhava o céu sem estrelas.

Ouvia atentamente tudo o que ela dizia.

—Um dia vou levá-las a Casa Central, onde Norcuros e Surcuros se reúnem para socializar. É algo metafórico, não se dão bem a maior parte do tempo. Não chega a ser uma briga até a morte.

—De qual deles fazemos parte? —perguntou Valéria.

Era incrível. Agora ela podia fazer perguntas, agora ela era uma delas. Tudo por causa do boato dela e Gregório que ninguém negava. Era alguém, era tudo o que sempre quis. No entanto, sentia falta dele, o Sombra.

—Somos do Sul, Surcuros.

—Eu passei a vida toda, desde pequena, pensando que isto era uma lenda, mas o que fazem lá, exatamente? —perguntou Marian.

—O de sempre. Drogam-se, bebem, brigam, agem como idiotas e etc. —Um rapaz parou ao lado de Argentina e abaixou a sua altura. Argentina virou e começou a conversar com ele. O seu semblante mudou. Era Ramirez, Valéria moveu a cabeça para ver

quem mais estava com ele. Era o Ben que estava ali, e de repente o seu coração começou a bater forte, descontrolado.

Valéria levantou-se das pernas da Nina. Olhou-o. Só olhou e desviou o olhar. O gorro que tinha posto ocultava parte de seu rosto.

—Aiii, meninas, volto já. —Argentina levantou-se e levou a Rose com ela. As meninas, incluindo Valéria e a Nina, ficaram ali sentadas.

—Porque acham que o Ramirez e o Sombra vieram buscar as duas? —perguntou Marian.

—Argentina e Rose devem muito dinheiro ao Ramirez. E para pagar fazem certas coisas —Revelou Estefani. Ela era uma menina calada, às vezes, outras nem tanto. Escondia muito sobre si na verdade.

—Que tipo de coisas? —Nina semicerrou os olhos.

Estefani franziu os lábios. Estavam tão vermelhos como uma maçã.

—Coisas...

—Oh, por favor, Estefani! Sério que vai fazer isso? —Marian deu-lhe um soco no braço. Estefani se queixou e depois riu.

—Não é nada sexual. —Mordeu os seus lábios e depois contou como não fosse nada demais—. Transportam pacotinhos.

—Pacotinhos? —Valéria arregalou os olhos.

Nina e Marian entenderam. Mas Valéria ainda não entendia. A sua expressão entregava-a.

—Pó, pílulas... —disse Nina em voz baixa.

—Oh Deus, pobre Argentina. —Valéria tapou a boca ao entender o que eram esses “pacotinhos”.

Marian disse:

—Não me importa. Mereceram.

Então Valéria recordou que Ben também ali estava. Sério que ele as obrigava a fazer isso? Não podia acreditar. E se numa dessas

batidas os policiaas as apanhavam e elas delatavam o Ben? Ia perdê-lo porque ele teria de ir para prisão? Não queria perdê-lo.

—Mas... o Ben também...? Quero dizer, o Sombra, elas também devem a ele?

As três olharam para Valéria.

—Como? —perguntou Marian.

—Se Argentina e Rose também estão devendo o Sombra?

—Não, o nome que disse antes.

—Eu não estou entendendo sua pergunta. —Levantou os ombros, olhou para os lados.

—Valéria, não se faça de desentendida —repreendeu Nina.

Valéria deu de ombros de novo. Ficou fria.

Todas ignoraram o seu erro.

—Ele não, —Estefani respondeu depois de um período de silêncio—, ele não está nisso, não sei por que veio com o Ramirez, talvez só o acompanhasse. Queria ver alguma de nós, quem sabe?

Valéria respirou aliviada.



—Posso te fazer uma pergunta, Val... —Estefani deteve Valéria quando voltavam da casa de sua amiga Sabrina—. Todos dizem que é namorada do Gregório, —Tocou com a língua na parte interna da bochecha, Valéria notou através da sua pele dourada—, mas você, não parece que saia com ele, tem outro namorado?

—Não tenho namorado.

—É o Sombra? —Levantou as sobrancelhas.

Saberia ela de algo?

O seu rosto ficou pálido.

—Não, não é, o que te fez pensar isso?

—Além do fato de ter ficado pálida e também vi como o olha. Gostas dele?



Valéria se irritou e continuou a andar, Estefani seguiu atrás dela.

—Então... então só está com o Gregório por causa do amiguinho dele. Quer chamar sua atenção? —A voz de Estefani soava apressada. Estava difícil acompanhar o passo de Valéria.

Devia fugir para longe dela e das suas perguntas, das suas acusações, ia descobrir a verdade, ia descobrir, e então, Ben, ainda que já não fossem nada, ia ficar chateado.

—O Sombra não se interessaria por ti, menina, por isso o seu esforço...

Valéria se virou, Estefani parou bem de frente a ela, quase se chocaram. Estefani moveu o seu pescoço enquanto falava:

—Por isso o seu esforço em ser a namorada do Gregório é em vão.

—Você não me conhece. Eu gosto do Gregório.

Sentiu que ia vomitar. Então respirou fundo.

—Mas não negou isso agora mesmo?

Valéria irritou-se.

—O que quer de mim?

—Simplesmente que me diga tudo o que há entre você e o Gregório.

—Mas por quê? Gosta dele?

Estefani deu um tapa na parte detrás da cabeça de Valéria, como se faz a uma criança que não entende quando estão falando com ela. Valéria queixou-se, e ia responder dando um soco em seu braço, mas Estefani a deteve. Respirou fundo.

—Somos namorados é isso. Não há nada mais, não gosto de mais ninguém, estou louca e profundamente apaixonada por ele, ficou claro?

Estava claro para ela?

Estefani não respondeu. Apenas a deixou ir.



Era de tarde, já estava começando a escurecer. As ruas estavam cinzentas, tudo estava cinzento porque o sol não estava lá, nem a lua. Era estranho, era um entardecer triste, e só faltavam alguns minutos para ser completamente noite. Valéria estava de pé com os braços cruzados conversando com Rose e Argentina. Era como se tudo estivesse voltado ao normal.

Ainda assim, Valéria esperava por Nina. Não encontrava uma forma de participar da conversa sem que Nina estivesse ali, mas ela estava comprando cigarros para o seu pai e ia demorar uns quinze minutos.

Não percebeu nada se aproximando. Só sentiu quando uma menina a girou à força pelo cabelo e depois lhe deu um murro na cara.

—Putá, ladra de namorados! — gritou e cuspiu-lhe na cara, deu um chute no estômago de Valéria, depois tirou as mãos dela, que protegiam o próprio rosto, para continuar a bater.

Ninguém fez nada, pelo contrário, todos gritavam: Briga! Briga! Briga! Briga! Rapidamente ambas foram rodeadas como se fosse um ringue de luta. A morena ganha à frente. Foi nesse momento que se deu conta de que nem Rose nem Argentina eram suas amigas, ambas se divertiam.

Valéria deu um golpe na virilha e a morena caiu no chão com dor. Ainda que tivesse mais massa corporal que Valéria, ela conseguiu sentar sobre o corpo da morena e prender os cotovelos dela sob seus joelhos, começou a esmurrá-la com o seu punho ossudo enquanto ela se protegia. Valéria sabia brigar, só que nunca ninguém tinha procurado briga com ela.

E a grandalhona só sabia arranhar a cara e puxar o cabelo. E queria cuspir-lhe, queria fazê-la sentir-se suja.

Quando acontece uma briga, a notícia espalha rápido como raio, em poucos segundos. Por isso quando alguém gritou que duas meninas estavam brigando, muitos vieram correndo para ver.

Mas o Sombra não se mexeu até que um garoto disse:

—A namorada do Gregório está na briga...!

Então Ben sequer olhou para o Gregório, que estava ao seu lado, só correu para onde estavam todos e entrou no meio da roda de pessoas. Não perdeu tempo com nada, nem parou para respirar porque estava sufocado, sequer olhou para a menina que estava debaixo de Valéria. Só a carregou, agarrando-a pela cintura e depois carregando como se fosse uma princesa, e levou-a para longe da outra garota, longe de todo o caos.

E a garota se levantou do chão com o nariz cheio de sangue querendo vingança.

Quando o Gregório a agarrou pelos braços, recebeu um único murro no nariz, com toda a raiva que tinha.

—Ana, maldição, isso dói! —gritou colocando a mão na cara.

—Com esta cadela que me traia, idiota? —Limpou as mãos, tocou o nariz, queixou-se da dor—. Essa maldita! Vou matá-la! Vou quebrar a cara dela! —gritou. Contudo Valéria já estava muito longe para que ouvisse a sua ameaça.



CAPÍTULO 10

O SEU CHEIRO

Ben não deixou Valéria tocar no chão até chegar na sua casa. Valéria não falou o seu lábio estava tremulo. O seu cheiro, jurava que tinha esquecido. Mas não, continuava a ser o mesmo, não queria largá-lo nunca.

Ele levou-a para o banheiro e tirou toda a roupa dela. Outra vez vulnerável na frente dele. Nem sequer conseguia articular as palavras para lhe perguntar o que estava fazendo ou o que pretendia fazer com ela.

Não, não queria falar, porque não queria detê-lo.

Afastou Valéria para o lado e abriu a torneira do chuveiro. O som do fundo da banheira sendo golpeado pela água encheu o lugar. Voltou a ficar em frente a ela e levantou com o dedo indicador o seu queixo, para examinar o rosto. Valéria não sabia o que ele estava procurando até que entendeu que apenas procurava machucados em sua face. Os arranhões eram leves, porém a pele estava vermelha, e o seu lábio estava inchado por causa do primeiro golpe que Ana havia dado. Ben tocou o lábio dela com o dedo, Valéria fez uma careta de dor.

—Desculpa —murmurou.

—Melhor eu ir embora. —Valéria negou com a cabeça. Nem sequer sabia por que Ben a tinha trazido até sua casa. Inclusive tinha-lhe tocado enquanto a carregava. Perdeu a aposta.

Ben a ignorou, tirou a camiseta.

—Sério, devo ir-me embora. —Caminhou para a porta, com os olhos quase fechados. Aonde ia sem sua roupa? É que queria que ele a detivesse. Assim o fez, agarrou-a pela cintura e voltou a colocá-la no mesmo lugar.

—Shhh —pediu. Empurrou Valéria para a banheira, ela resistiu e chocando com ele, porque a água estava demasiada fria.

—A água fria fará com que a dor pare, —Passava as suas mãos pelo rosto dela e pelo seu cabelo, tentando apagar o que aconteceu—, vai adormecer todos os seus sentidos.

—Tarde demais, tudo me dói —respondeu-lhe.

Ben afastou-se e tirou o resto da roupa que tinha. Depois, empurrou Valéria para debaixo do chuveiro, gradualmente, o seu cabelo e o dela iam molhando. Valéria fechou os olhos porque não sabia para onde olhar.

—Por que aquela menina me bateu? —Valéria fez uma careta de dor, a água ardia em alguns arranhões. Especialmente nos que tinha no braço.

O Sombra sorriu de lado, parecia orgulhoso.

—Você é que bateu nela.

—Eu só me defendi —respondeu abrindo os olhos.

—Valéria... —suspirou perto dos seus lábios, ela se derreteu toda. Não deixou de olhar para ela, contudo manteve certa distância—, pode me perdoar e voltar?

Valéria semicerrou os lábios, esqueceu-se da sua condição e o abraçou. Pensou que nunca fariam as pazes. Ela precisava dele realmente, sentir falta dele, não fazia nada bem.

Lamentavelmente, o Sombra era um vício que Valéria não podia largar. Fechou os seus olhos e mordeu os lábios enquanto o abraçava. Por que, às vezes, as coisas tinham de ser tão difíceis?

—Esta noite posso te abraçar até que adormeça? —Deolveu-lhe o abraço, Valéria ficou com o rosto apoiado no ombro do Sombra

enquanto sentia as gotas de água descendo por suas costas—, é para te mostrar que não é só sexo que quero de você.

—Ainda que quisesse ficar, tenho que voltar para casa. —Valéria respondeu deixando de abraçá-lo, mas manteve as mãos no seu pescoço e o olhar nos seus olhos.

—Vai voltar sozinha? E se essa menina estiver a sua espera...?

—Não tenho ninguém que me leve, e é sério devo voltar para casa.

Alguém bateu na porta com bastante força. Ben olhou para um lado. Suspirou e saiu do chuveiro. Não teve tempo para se secar, voltou a vestir a roupa que estava. Passou uma toalha para Valéria.

Ficou ali quieta, e depois começou a vestir-se de novo.

Quando o Sombra abriu a porta deu de cara com Gregório, que não percebeu nada e estava calmo.

—Onde está Valéria?

—Valéria?

—Sim, não se faça de desentendido. Disseram-me que foi embora contigo. —Fez uma pausa, depois disse—. Não, disseram que você a levou dali.

—Ah, quer dizer quando eu a levei para que sua namorada não a matasse de porrada?

—Está com ciúmes porque pensou que a Valéria é minha namorada, todas as pessoas dizem isso agora.

—Não têm nada?

—Sim... quero dizer, não, estamos aí... é que Valéria é complicada. Mas ainda assim, essa Ana está louca, atacando assim do nada. Por isso quero pedir desculpas, porque não vai voltar a acontecer. Falei com ela e expliquei-lhe...

Nesse momento Valéria saiu do quarto. Vestida na mesma roupa de antes e a sua bermuda estava molhada por causa das gotas que escorriam pelo seu cabelo. Com os braços cruzados a cima do

peito. Não podia acreditar que Gregório queria algo com ela e ao mesmo tempo estivesse com a Ana. Eram assim os homens?

Gregório olhou para ela.

—Valéria, sobre o... —Deu uns quantos passos até onde ela estava antes de notar. Então se calou.

Os dois tinham o cabelo molhado e gotas pelo corpo. Sentiu-se tão burro.

—Vocês dois...? —Fez uma expressão de indagação com o rosto. Só podia ser uma brincadeira.

O Sombra não ia dizer nada. Ficou observando para ver o desenrolar dos acontecimentos, tinha que dar explicações? Não. Valéria era dele muito antes do que Gregório pudesse imaginar.

—Não vão falar nada!? —gritou, Valéria tremeu. Tinha sido uma má ideia sair. Por que saiu então? Para que queria vê-lo?

—Então vamos pergunte amigo. O que quer saber? Vai perguntar algo que já sabe a resposta? —respondeu. Colocou-se instintivamente no meio do caminho para que não chegasse até Valéria, não fazia diferença, Valéria já estava próxima.

—Estão ficando? —perguntou à Valéria franzindo a testa.

É sério, ela com o seu melhor amigo? Por que não sabia? Como não se deu conta! Por isso fazia de conta que não via! Por isso ele não o apoiava nas suas tentativas de conseguir algo com Valéria. Ele já tinha. Queria deixar claro.

Valéria abriu várias vezes à boca, mas não saía nada dela. Nenhuma voz. Todos iriam saber, por que estava gritando? Todos iriam descobrir. Vão reagir da mesma forma. Sentia que ia chorar, seu rosto estava quente.

—Não vai responder?!

—Não fale assim com ela! —gritou Ben, aproximou-se dele e apontou o dedo—. A sua mulher bateu nela e tem a ousadia de falar assim? É um filho da puta.

—Você era meu amigo! Sabias que eu gostava da Valéria e que estava tentando conquista-la! No entanto, fura meu olho.

O próprio Gregório afastou-se de Ben. Se continuassem tão perto iam acabar na porrada. Por uma menina, iriam brigar por ela.

O Sombra jogou o cabelo para trás.

—Só queria transar com ela. Você não gosta dela, não a ama. Apenas quer saciar o teu capricho sexual porque a tal Ana não te basta. Faz um favor, sai da minha casa.

Ela estava ali. Por que falavam como se não estivesse? Estavam trocando farpas. Como se Valéria fosse decidir qual era pior. Não o ia fazer. Não sabia o que fazer. Apenas estava quase desfalecendo. Mas então Gregório deu um murro na cara do Ben que girou com o impacto. Ben devolveu e ia dando outro, mas Valéria enfiou-se no meio dos dois, e ele parou de imediato.

—O que é que ele te fez Valéria? —Gregório a olhou com pena. Mas ela não lhe respondeu.

—Valéria, pelo amor de Deus, vai embora daqui —ordenou o Sombra apontando para o seu quarto. Estava tão chateado que estava irreconhecível. As suas mãos fecharam-se num punho.

—Não vou deixar vocês brigarem! —Virou-se para Gregório—. Eu e você não temos nada, entende? Não percebo porque estás tão chateado. —A sua voz era sarcástica.

Antes de ontem tinha dito que estava louca e profundamente apaixonada por ele. Talvez isso tivesse causado aquilo tudo. Uma mentira, então chega de mentiras, só vai dizer a si mesma, e a todos, a verdade.

Não gosta. Nunca vai gostar. Só quer o Ben, o Sombra, só a ele.

—Sabe o que você é, uma puta, Valéria. Nunca se esqueça. —Caminhou de costas para a porta. Não afastava o seu olhar dela. “Talvez seja outra verdade.”



Ben ia atrás dele, mas Valéria deteve-o, depois o abraçou enquanto se desmanchava em lágrimas. Se todos diziam que ela era uma puta, talvez já fosse tempo de aceitar isso?



Quando Valéria secou o cabelo e sua cara voltou a ter um pouco de cor natural, decidiu sair da casa do Ben.

Ben não deixou ir sozinha. Pela primeira vez andava com Valéria pela rua. Ela na frente, cabeça cabisbaixa e coração destroçado. Ben ia atrás, como sua sombra, com as mãos nos bolsos e um gorro preto que guardava o seu cabelo. Não ia deixar que ninguém lhe tocasse que ninguém se aproximasse.

E assim foi.

Ninguém se atreveu a chamar Valéria para lhe perguntar o que tinha acontecido. E tampouco falaram com o Ben, ninguém, ninguém perguntou a nenhum deles o que faziam juntos. Todos esqueceram, nem sequer prestaram atenção.

Não porque não queriam, mas sim porque ninguém se dava ao luxo de espelhar rumores sobre o Sombra, ninguém dali se mete com ele. É muito reservado para o fazerem, ele não se mete com ninguém, porque haveriam de se meter com ele?

E daí que tinham visto levando Valéria do meio da briga. Viram o rosto do Gregório esmurrado. Inclusive vêem o seu lábio roxo, devido ao soco que Gregório lhe deu. Estavam o vendo leva-la para casa, mantendo certa distância. Entretanto era apenas isso. Ver. Sem comentários. Todas as pessoas sabiam que era assim. Pelo menos com o Sombra.



—A Ana mora a cinco quarteirões da sua casa —comentou Nina.

Valéria deu de ombros. A sua cara ainda estava marcada, a última coisa que queria agora era falar dela.

—E é, ou era namorada do Gregório. Há quase um ano já.

Mas Valéria não sabia ninguém sabia. Por que ninguém sabia?

—Uma menina foi dizer que você estava apaixonada pelo homem dela, e sabe como são territoriais estas mulheres. Passava muito tempo com ele também.

—Mas não é justo.

—Não é, mas sabe que aqui no bairro as coisas se resolvem assim, já tinha visto antes brigas destas, bem piores, só que não era o seu objetivo. Dê graças a Deus por não ter partido a sua cara.

—Você não estava lá —pensou em voz alta. Ela não estava lá para defendê-la.

—Desculpa, Val, eu gosto muito de você, de verdade, sinto-me culpada por não ter estado lá ao seu lado. Desculpa.

—Já passou. —Valéria tentou sorrir. Não conseguiu.

Esperaram que um carro passasse ou desse a passagem, depois atravessaram, Nina e Valéria iam à papelaria para comprar uma capa para o trabalho que deviam entregar. As ruas estavam frias, estava no apogeu do inverno.

—É verdade que o Sombra te tirou da briga?

—Ahã.

—Nossa. Conhecem-se?

—Somos do mesmo bairro —respondeu, mas percebeu que Nina não se conformou com essa resposta—, bom n-não. É que ele quis apenas ajudar. —Mordeu um lábio.

—O Sombra, a ajudar? —Olhou para a cara de Valéria e deu um pontapé em uma pedra. Ficaram em silêncio—. E se quiser algo de você?

E se já o tem? Já a tem, completa.

—Nina... —Valéria tirou as mãos do casaco.

—Sim? —perguntou Nina, parada na calçada.

—Tem uma coisa que não te contei —disse em voz baixa.

—Não me contou?

—Eu não tive minha primeira vez com o Gregório, nunca estive com ele.

—Então continua a ser virgem? —continuou a caminhar. Olhando para a rua desta vez.

—Não. —Abaixou a cabeça e olhava para os próprios pés avançarem na calçada—. Foi com o Sombra, perguntei ao Sombra o que vocês me disseram. Não terminou nada bem, mas depois disso fui ficando com ele por mais de dois meses, deixei de fazê-lo, e agora voltei de novo.

—Está... de brincadeira, certo? —Nina fez uma careta e levantou as sobrancelhas, se sua pele fosse branca, teria ficado pálida—. Mas o Sombra está sempre com mulheres? E quero dizer mulheres, mulheres de verdade, não são como você, Valéria... —Olhou para cara e Valéria e depois olhou para frente—, que pena, bem, a minha melhor amiga mente para mim... Por que diabo não me contou? Eu podia tê-la aconselhado, por exemplo, te dizendo que ele não era a melhor escolha.

—Acho que estou apaixonada por ele, de verdade. —Formou-se um sorriso no rosto de Valéria. Algo saiu do seu peito, como um ar, um ar de amor. A sua história de amor. Nem sequer ouviu o que a Nina lhe disse. Não importava.

—Não, você está confundindo as coisas.

—Por que não pode ficar feliz por mim? —questionou fitando-a enquanto continuava a caminhar e franzia a testa.

—Porque eu sei que o Sombra só está brincando com você. Está te usando.

Valéria engoliu seco.

—Mas deveria me apoiar. —Sentiu-se atacada.

—Não Valéria, sou tua amiga de verdade, não de brincadeira, e quero o melhor para você.

—O melhor para mim é estar com ele. —Valéria continuava com uma expressão enrugada. Por que Nina não entendia como ela se sentia?

Nina bateu ligeiramente na bochecha da Valéria.

—Hey, terra chamando Valéria. O que aconteceu contigo? E quer que eu o deixe fazer o que quiser e quando quiser com você? Valéria, ele está se aproveitando de você!

—Não está! —grita tão alto que algumas pessoas na rua olham para Valéria como se estivesse louca. Tem que gritar para que ela própria acredite.

Nina não falou mais nada, pois apenas queria repreendê-la, não podia acreditar como sua amiga podia ser tão estúpida... com ele... com o Sombra, é sério?



CAPÍTULO 11

MARCAS DE AMOR

São nove da noite e Valéria está à procura de Nina em sua casa. Tem um sorriso nos lábios. Está feliz. E não ia deixar que ninguém estragasse seus planos. Está decidida. Depois de três meses e um pouco mais, sabe que sente alguma coisa pelo Sombra, só precisa que ele admita sentir algo por ela também.

Era assim para Valéria, ele a amava, acreditava nisso.

—Valéria?

—Nina, preciso de um favor —sussurrou—, se minha mãe vir perguntar amanhã, que seja, ou se mandar alguém te procurar, diz que estive aqui, que dormi na sua casa. Por favor.

—E aonde vai? —perguntou como quem não quer nada.

Valéria sorriu mostrando todos os dentes e Nina sentiu-se culpada. Como deixou que sua melhor amiga fosse persuadida assim? E notava que estava tão feliz por conta de algo que seria tão passageiro... Por que foi se apaixonar por alguém como ele, sempre pensou que Valéria merecia algo muito melhor?

Nina ia confrontá-lo na frente de todos. Para que se envergonhasse, para que todos no bairro soubessem que o Sombra tinha roubado a inocência de Valéria e que ia lhe partir o coração. Mas voltando a olhar para sua amiga, com esse sorriso genuíno e essa felicidade que emanava do seu ser, apenas concordou. E depois a

abraçou contra o seu corpo. Onde tinha ido parar a pequena Val que só fazia as coisas se ela mesma aprovasse?



Estava fumando quando Valéria chegou. Na realidade, ele não sabia por que tinha pensado que ela não viria, talvez tivesse pensado que ainda estava assustada demais para sair de casa e possivelmente encontrasse com Ana.

Assustada? Podia descrever Valéria de muitas formas, mas uma menina medrosa, não, pelo menos desde que começou a conhecê-lo. Ela tinha mudado. Definitivamente, estava mais valente. A sua imagem de menina frágil era só uma carapaça para que os outros não vissem o seu grande poder e o quão forte era, e realmente era.

Quando Valéria entrou, estava exalando o ar. Notou-o pela forma como o seu abdômen desaparecia debaixo da blusa. Estava com uma calça jeans bem apertada, e uma mochila ao ombro.

—Vai se mudar para cá? —Ben provocou.

Valéria soltou uma lufada de ar. Não gostava de cigarros, por associar as más recordações que o cheiro trazia. Contudo, pelo menos ele, ela deixava passar, até gostava do sabor que ficava nos seus lábios. No entanto, respirar a fumaça era outra coisa. No colégio já tinham falado sobre as consequências que os cigarros provocam nas pessoas, sabe, disse ao Ben mil vezes. Mas não a ouve. Ou pelo menos, apenas finge que ouve, fuma quando sabe que ela não irá. Não sabia por que ele estava fumando justo agora.

—Acham que estou dormindo na casa da Nina.

—Como conseguiu isso?

—É sério vamos falar dela? —Deixou cair a mochila no chão e caminhou para a cama, sentou-se. O Sombra desapareceu no banheiro e depois saiu. Tinha ido jogar fora o cigarro.

Sentou ao lado dela, e deslizou a mão pela sua cintura, até empurrá-la para que deitasse.

—Não quer falar comigo?

—Sim, quero —respondeu Valéria—. Mas não dela.

Porque estava chateada com ela, ainda que ela a acobertasse, não aprova sua relação com ele. Como se atreve?

Quando Ben deitou na cama, o colchão cedeu com o seu peso. Fez deslizar a sua blusa até a altura do sutiã. Beijou a pele exposta e depois olhou para Valéria.

—Quero fazer uma coisa, posso?

A sua pergunta foi irónica, é sério que ia perguntar?

Valéria negou com a cabeça.

Ben subiu até à altura do seu rosto, estava ao lado dela, quase ajoelhado.

—Não? —perguntou. Valéria elevou o corpo um pouco, para o poder beija-lo, mas ele a segurou, agarrando os seus ombros—. Então sim?

Não disse nada. Ele já conhece esse silêncio.

Voltou onde estava colocando uma das suas pernas entre as de Valéria e a outra ao lado da perna esquerda. Continuava de joelhos, tirou sua blusa. Traçou uma linha desde seu umbigo até o queixo com os dedos. Como se o dedo dele traçasse um caminho ardente no corpo de Valéria que enviava sinais ao cérebro dela para que estivesse num estado de total excitação.

Inclinou-se sobre o seu corpo, sem realmente tocá-la, então, roçou os lábios pelo mesmo caminho que traçaram os seus dedos. E depois a mordeu. Valéria fez uma careta e moveu-se um pouco, não o suficiente, as mãos de Ben estavam em ambos os lados da sua cintura não permitindo que se movesse muito. Se apertasse o com força quase poderia juntar os seus dedos na cintura de Valéria.

—E ele disse algo? —O Sombra respirou no seu ventre e voltou a morder, depois passou a língua como se tentasse sarar o que acabou de fazer à sua delicada pele.

De quem falava?

—Quem? —perguntou. A pele era ficava dolorida por um momento, mas ao mesmo tempo era bom. Como podem dois sentimentos estar tão associados?

—Você sabe quem.

Claro que sabia.

—Não —respondeu, referindo-se a Gregório. Olhava na direção da parede—, estou evitando ir à mercearia. M-mãe... Claribel, não me deixa sair de noite porque tem medo que a garota me bata novamente. Ela me ameaçou, ainda que tenha dito que não tinha nada com ele.

Ben acariciou seus lábios por todo o ventre de Valéria. Enquanto subia, atravessou entre os seus seios, chegou ao pescoço e ameaçou colar os seus lábios ali. Valéria inclusive sentiu muito próximo.

—Sua mãe sabe de tudo?

Valéria abaixou a vista encontrando seus olhos.

—A minha mãe acha que ele foi ou é o meu namorado. Ela acha que Gregório é um cara legal. Não sabe nada sobre a gente.

O Sombra desceu novamente pelo mesmo caminho, parou na barriga de Valéria e levantou a cabeça. Valéria olhava para ele olhando-a de baixo.

—Quem sabe sobre nós então? —O seu dedo traçava linhas sobre a renda de sua calcinha.

Valéria suspirou. Realmente adorava que ele a tocasse.

—Ninguém.

Ele tirou a camisa que ainda estava vestido e subiu em cima de v, sem que ela sentisse o seu peso, segurando as suas mãos de cada lado da cabeça.

—Ninguém?

Tinha certeza? E todas as pessoas que o viram levá-la à sua casa? Ou as marcas no rosto de ambos, os melhores amigos?

Valéria sentiu o seu hálito entrar pelas narinas, tinha um pequeno sutil cheiro de cigarro e desejou que ele a beijasse. Por que demorava tanto?

—O Gregório sabe, ele contou a mais alguém?

—Não sei. Mas sei que está chateado comigo. —Ben cheirou a pele de Valéria—. Eu a tenho e ele não.

O Sombra afundou sua cabeça no pescoço de Valéria, perto da orelha, e mordeu ali, esfregando os dentes na sua pele sensível. Num reflexo, a mão de Valéria tentou o afastar, mas ele pegou as mãos dela e colocou acima da cabeça. Deixou essa parte e foi aos seus lábios. Ele a beijou fazendo com que Valéria suspirasse na sua boca.

Quando se afastou, fez olhando para ela e para seus lábios, não entendia como Valéria o tornava tão romântico. Se é que podia chamar isso de romântico.

—Nina sabe.

Soltou as mãos de Valéria.

—Sabe o quê?

—Do que temos. Que você e eu...

Afastou-se de Valéria e ela sentiu-se nua, ainda que não estivesse completamente, e foi porque deixou de sentir o seu calor.

—Por que é que ela sabe? Você contou? —A sua voz era acusadora.

—É minha melhor amiga.

—Ainda assim...

Ben pensou em algo e depois deitou ao lado de Valéria.

Valéria ainda sentia a respiração do Sombra no seu ventre, era reflexo, ele estava ali, mas ao lado dela.

—Ela disse que...

—Disse o que?

—Não disse exatamente com essas palavras. Mas quis dizer que está se aproveitando de mim. —Valéria olhou para ele, tentava perceber como ia reagir. Esperava que ele dissesse que era tudo mentira, mas em vez disso disse:

—Talvez ela esteja correta.

Valéria escondeu os seus lábios e desviou o olhar. Caiu de novo. Ele sempre faz isso. Por que acreditava sempre nele e nas suas palavras não ditas?

—Não é assim, é algo mais, como se abusasses de...

—Como se abusasse de você? —perguntou. Valéria ficou sem fala. O que tentavam dizer? Queria entender, mas não conseguia, não entendia nada.

—Quer dizer como abusar das drogas? Talvez abuse de você, então. —Beijou-a com força—. Sim, abuso, mas você gosta.

Então parou de beijá-la com um sorriso na boca. Soltou-a. Passou a mão pelo rosto de Valéria.

—Eu não te obrigo Val, deixou isso claro? Pode ir quando quiser.

Não. Ela não queria ir. Não queria deixá-lo e não queria que ele a deixasse. Nina e as suas opiniões pouco importavam, além disso, ela, de certa forma, ela também era culpada.



Quando Valéria se levantou da cama e seus pés tocaram no chão, sentiu um arrepio da ponta do pé até onde Ben a tinha beijado atrás da orelha. Caminhou até banheiro e se viu no espelho que tinha se visto quando brigou com Ana, quando Ben se importou com ela.

Em frente ao espelho, olhou para as manchas roxas que se formaram onde o Sombra tinha andado, no seu pescoço e detrás da orelha. Depois olhou para sua barriga e viu duas dentadas e mais manchas no mesmo lugar que ele tinha percorrido antes.

Se tinha se sentido tão bem enquanto a beijava, por que agora pareciam tão horríveis? E como ia fazer para esconder as que estavam muito visíveis?

Valéria toco-as com os dedos, uma delas parecia demasiado profunda.

Saiu do banho e Ben estava sentado na cama à sua espera, levantou-se e agarrou o seu quadril e levou bruscamente de encontro ao dele que Valéria deixou escapar um suspiro. Ao mesmo tempo colocou uma das mãos no seu peito.

Valéria não esqueceu o desgosto. Tinha danificado o seu corpo, essas marcas eram horríveis. E se nunca mais saíssem? Já tinha muito com o que se preocupar, tratando de curar as pequenas cicatrizes na face que foram ali impressas por Ana.

—Passou do limite!

Ele tentou beijá-la, mas ela negou e por isso a deixou ir, não podia obrigá-la a nada. Observou como Valéria procurava por sua blusa e pela mochila, onde quer que a tenha deixado na noite anterior. Demoraram segundos até Ben ver a pele de Valéria exposta do lado direito do pescoço. Levantou-a pelo cotovelo, porque estava no chão procurando suas coisas, e quando a tinha de pé, tocou nas marcas do pescoço.

—Está chateada por causa disso?

Valéria, furiosa, também apontou para as que tinham no seu ventre, uma fila de manchas e marcas de dentes expostas... agora que pensava a respeito, que tipo de monstro era Ben?

Ele suavizou a expressão, quase sorriu.

—São marcas de amor...

Valéria continuava chateada, mas uma parte dela estava se acalmando. O Sombra colocou os braços de Valéria em seu pescoço e passou os dele por sua cintura e a ergueu, começou a beijá-la suavemente, como se estivesse a massajar os seus lábios.

—É para que... —Deteve-se—, se, por acaso, estiver com outro, ele saiba que eu fui o primeiro. Que não te fará sentir como eu já fiz, nunca.

Valéria deixou que ele a beijasse, que lhe tocasse. Ela se entregou, antes que tivesse se dado conta, outra vez, uniu-se a ele, nesse lapso de tempo, o único onde estavam tão unidos que parecia que existia amor de verdade entre eles.

Quando o Sombra era carinhoso e suave com ela, sentia esse calor e esse afeto, qualquer tipo de vergonha desaparecia, porque ele não a julgaria como fazem os outros.

Talvez para os outros, as marcas na sua pele, eram algo ruim e mal visto. Mas Ben tinha resignificado. Até tinha mencionado a palavra amor. O resto não importava.



CAPÍTULO 12

FODER-TE A VIDA

Nessa manhã Valéria procurou em todas as roupas algo que lhe cobrisse o pescoço, não só porque estava frio, mas também porque tinha “as marcas de amor” e outras novas que Ben tinha feito de manhã depois de quase terem discutido por causa destas.

Não é que as tivesse aceitado. Ainda causavam estranhamento. Entretanto cada vez que tentava ficar chateada por causa delas, acabava sorrindo. Ele tinha sido tão gentil depois.



—E o que tinha Carlitos?

—Uma tela gigante e muitos vídeos games.

—E jogou?

—Muitíssimas vezes, o velho disse que podia ir com ele quando eu quisesse, e todos os outros meninos me trataram bem.

Carol aproximou-se do seu irmãozinho.

—Então porque não disse a verdade à mamãe? —questionou quase sussurrando.

—Sim, Carlitos, porque não nos disse a verdade? —Carol virou-se para ver Valéria entrar no pátio e sacudiu os dedos abrindo os olhos em forma de alerta. Olhou para Carlitos.

—Ai... Ai, ai, ai!



—O que? —perguntou o Carlitos fingindo estar distraído.

—Que verdade não contou à mamãe? —perguntou Valéria.

—Nenhuma.

—Nenhuma? —Valéria olhou para Carol indagando.

Carol olhou para Carlitos e depois para Valéria, e franziu a testa.

—Não sei de nada? Prometi não dizer a ninguém —respondeu à pequena.

—Não sabem de nada? —Valéria abaixou-se para ficar na altura deles—. Ouvi tudo, e se nenhum de vocês dois me contar, direi à mamãe que coloque você de castigo. Você, —Apontou para o Carlitos—, por não dizer a verdade, e você, —Olhou para Carol—, por ser cúmplice do seu irmão.

Os dois ficaram sérios.

—O que quer saber Val? —Carlitos perguntou passados uns segundos de meditar sobre a ameaça.

—Quem foi te buscar no colégio aquele dia? —perguntou Valéria.

—O velho.

—Não sabe como se chama “o velho”? Nunca o viu antes? Por que foi com ele?

—Já o vi antes na mercearia. Além disso, disse que era seu amigo. E quando perguntei o nome dele, respondeu que era “o velho”, que eu podia chama ele assim.

Valéria levantou uma sobrancelha

—É sério que só te levou para jogar vídeo game?

—Sim, para o que mais séria? —Levantou as mãos questionando.

Valéria levantou.

—Não minta nunca mais Carlitos, por favor.

Ele apenas assentiu. Carol olhou para Valéria esperando para ver qual seria o próximo passo da sua irmã mais velha.

—O que fazem aqui fora? —Foi o que perguntou.

—Mamãe disse para sairmos, temos visitas. —Carlitos respondeu por ambos.

—Visitas? —Valéria franziu a testa.

—Ahã! —confirmou Carol—. E depois ficamos aqui fora porque estamos cansados de ficar lá dentro, desde que brigou com aquela menina a mamãe não nos deixa sair para brincar com nossos amiguinhos. —Carol tinha a testa franzida.

Carlitos, ao ouvir a palavra “brincar” levantou e foi buscar.

—Anda Carol, vamos brincar de bola —chamou.

—Sou menina, idiota, não jogo bola. —Carol virou as costas. Valéria parou enquanto caminhava para casa.

—Não, não use palavras feias, Carol —advertiu enquanto entrava em casa.

A mãe de Valéria estava sentada na sala cabisbaixa, estava assim há horas. Porém Valéria não sabia o motivo. Nem sequer as crianças. Eles não tinham entrado quando as visitas foram embora.

—Mãe, o que foi? —Parou a sua frente e perguntou em tom de preocupação.

Claribel respirou profundo. Valéria notou que seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar.

—É que não sei o que fazer porque está tudo desabando em nossas cabeças.

—Do que está falando? —perguntou ainda mais preocupada.

—Estão preparando os papéis para nos tirarem a casa por causa da dívida.

Valéria ficou em silêncio olhando para um ponto fixo na mesa. O que podia fazer? Nada. Absolutamente nada.

Já fazia um ano e meio que a casa foi hipotecada para pagar outras dívidas. No começo, parecia ser uma boa solução, mas os juros subiam cada vez mais e ficou quase impossível quitar a dívida.

As coisas estavam muitos difíceis depois que o pai de Valéria foi embora, era ele que pagava a hipoteca com metade do seu salário,

mas agora, esse mesmo dinheiro era o que ele enviava como pensão dos seus filhos. Esse dinheiro não dava para passar o mês todo e ainda pagar a hipoteca, e o dinheiro extra que a sua mãe conseguia era para comida e coisas necessárias para o lar. Não dava para pagar a prestação da hipoteca. E ainda que a sua mãe pensasse que Valéria não se importasse nem um pouco com isso, na verdade tinha muito peso, os seus ombros sentiam-se carregados, como se tivesse o mundo nas costas. Sentia como se fosse sufocar.

Valéria saiu de casa e foi encontrar com Nina após o almoço, nessa hora, uma da tarde, estava sempre tudo vazio, as ruas, a esquina, as calçadas, tudo. Essa era a hora da sesta, as pessoas depois de comer bebem água e depois deitam para dormir por uns minutos antes de ir trabalhar ou sair para rua. Se bem que nem todos cumpriam com este costume de repousar, não saíam, porque os pais diziam às crianças “há esta hora todos estão fazendo a sesta”, E tinham de esperar, pelo menos, até às duas da tarde. Além disso, o sol estava forte, inverno ou não, fosse como fosse, em qualquer estação, com exceção de quando está nublado, sempre está ensolarado. Um sol extremamente quente.

Nina estava sentada numa cadeira de plástico em frente à sua casa quando Valéria chegou perto dela. Observou por uns segundos antes que Valéria abrisse a boca.

—Nina...

—E agora o que foi Valéria? Quer que encubra de novo para ir se enrolar com o Sombra?

Valéria sentiu uma frieza em sua fala e seu olhar, era essa a sua amiga? Aquela para quem supunha poder contar seus problemas? Ficou sem expressão. Não sabia o que responder diante disso. Assim apenas virou-se para regressar a sua casa.

—Espera Valéria... —Nina a chamou. Valéria parou e ficou de costas—, a verdade é que me preocupo contigo, e está sendo muito idiota...

Isso bastou para que Valéria saísse correndo. E como não estava esperando, Nina ficou ali sentada.

Só conhecia um lugar onde podia ir falar dos seus problemas. E ainda que não falasse dos seus problemas, podia libertar todo o seu stress enquanto estivesse lá. Sabe que ele vai ouvir, e que raramente vai responder as mesmas coisas que os outros. Não por pena. Por que ele não tinha pena de ninguém.

Bateu na porta e Ben abriu depois de alguns segundos. Estava com calças jeans e sem camisa, descalço e com uma colher na mão. Também tinha um frasco de mentol entre as suas axilas. Valéria viu por cima dos seus ombros que o fôgão estava ligado.

—Cozinha algo?

—Ainda não comi —respondeu.

—Cozinha sempre sem camisa? —perguntou-lhe.

—Estou tentando passar mentol nas costas, mas é fisicamente impossível. —Ben olhou para o pescoço de Valéria para ver se ainda estavam ali as marcas. Um tinham desaparecido e outras tinham uma cor mais forte.

—Estou usando as mesmas roupas porque nem todas tapam o pescoço. —Valéria abriu um sorriso—. Para que é o mentol?

—Entra. —Ben pediu e virou-se.

Nesse momento Valéria descobriu para que servia o mentol. Nas suas costas, Ben tinha as marcas das unhas dela. Estavam quase sarando, mas dava para perceber que eram de dois dias.

—Desculpa, —Entrou balançando a cabeça em negativa olhando para as costas de Ben. Algumas estavam inchadas e algumas tinham arrancado pele, inclusive eram piores que as suas “marcas de amor”—, por que não me disse?

—Gosto que as faça —respondeu ainda de costas.

Valéria abraçou-o por trás.

—Vou te ajudar, me deixa passar o mentol.

—Espera. —Ben apagou o arroz, porque já estava pronto, e deixou que a carne se aquecesse no micro-ondas, eventualmente o micro-ondas iria desligar sozinho.

Valéria sentou-se no sofá e Ben pegou uma cadeira e sentou-se de costas para ela. Com os dedos trêmulos Valéria começou a passar mentol em todos os inchaços.

Não entendia por que a sua pele era tão suave. Gostava de tocar. Por um momento, perdia a concentração no que estava fazendo, ora colocava pouco mentol ora passava uma grande quantidade. Apenas desfrutava do prazer de tocá-lo e de sentir o relevo das feridas que tinha deixado na sua pele.

—Doem?

—Às vezes, algumas —respondeu.

Então houve um silêncio, de repente Valéria deixou o seu dedo no mesmo lugar sem o mexer. Um pensamento fez com que sentisse que as lágrimas iam sair.

—Minha mãe vai perder a casa.

—O quê? —perguntou voltando-se para Valéria.

—É que a hipoteca está vencida, há meses que não paga... —Valéria desabou em lágrimas, foi inevitável. Não foi com gritos queixosos, os seus olhos só estavam deixando sair todas as lágrimas, do nada, apenas saíam, enquanto tentava manter os seus lábios juntos—, quero ajudá-la, mas não posso. —Ben sentou-se com ela no sofá e encostou a sua cabeça no seu peito—. É sério que quero ajudar, mas não posso fazer nada.

Silêncio, ele só acariciava o seu ombro.

—Nina está fria comigo. Já não quer ser minha amiga.

—Ela te disse isso?

—Me diz coisas que me magoam sempre que a procuro, depois diz que é porque se preocupa comigo. —Valéria limpou o seu nariz—. Ainda que não acredite você é o único que não me julga.



Valéria levantou do seu colo e olhou-o nos olhos. Ele estava sério. Sem lhe dizer nada. Estava bem. Já não sentia que guardava mil coisas. Os problemas não tinham desaparecido, mas sentia-se tão leve como uma pena. O Sombra acariciou a sua face e depois deslizou a sua mão até ao seu pescoço, para voltar a colocar a cabeça dela no seu colo.



No domingo, Valéria foi à igreja com um vestido de alças que ficava um pouco por cima das canelas. O seu pescoço já estava visível, as “marcas do amor” já tinham quase desaparecido e permaneciam ocultas pelo seu cabelo. Ben tinha prometido fazê-las em outras partes, porque ela não podia andar por aí com essas cores ornamentando a sua pele.

Ali, depois de se levantar por ter orado a Deus para que acontecesse um milagre e não perdessem a casa, viu o Gregório parado atrás dela. Como se ele fosse o milagre que Deus enviou.

—Gregório? O que faz aqui? —perguntou-lhe. Na verdade, ele já lhe tinha pedido desculpas um milhão de vezes depois daquele acontecimento horrível. No entanto, ainda ouvia as suas palavras. “Você é uma puta, nunca se esqueça”.

Enquanto orava, Valéria tinha estado chorado, o seu rosto estava vermelho e os seus olhos chorosos.

—O que aconteceu com você, Valéria? —perguntou e acariciou a sua face.

—Nada. —Virou a cabeça e saiu da igreja, não queria faltar com respeito a Deus, e, além disso, as meninas do Monte Nazaré estavam olhando-a com maldade.

—Veio me buscar? —perguntou quando estavam lá fora.

Gregório expirou.

—Olha, sinto que você mudou, para pior, não é mais a mesma.



—Está enganado, tenho sido Valéria Garcia toda a minha vida. Por acaso o meu nome mudou?

—Você sabe do que estou falando. Não se faça de desentendida, porque você sabe.

Valéria fez uma cara de desagrado evasivo, continuou a caminhar rumo à sua casa.

Gregório seguiu-a.

—Ben continua sendo meu amigo e conheço-o melhor que você, Valéria, ele não gosta de você.

Valéria parou, ele não sabia nada, de que falava?

—Por favor, Gregório, não seja como a Nina, como se todos soubessem. —Valéria parecia exausta. —Por favor, tenta entender. É o único que poderia ser meu amigo agora.

Gregório suspirou.

—Eu não poderia ser teu amigo, Valéria, sabe que gosto de você, muito, não vou deixar de tentar ficar contigo.

—Ainda assim sabe que entre Ben e eu há algo? Vocês são amigos desde pequenos!

Gregório molhou os seus lábios.

—Por que estava chorando?

—Não fuja do assunto.

—Vou tentar falar com ele de novo, prometo. É isso que quer?

Não, não queria isso. Não lhe tinha pedido nada, ele foi conversar com ela.

Valéria começou a caminhar outra vez.

—Também tentarei ser seu amigo.

—Sem segundas intenções?

—Exato. —Sorriu—. Por que não tornam público? Por que razão ele me desafiava para que eu te convidasse para sair se ele já estava contigo?

Valéria olhou os seus pés, e depois cruzou os braços.

—Não quer compromissos, e acho... acho que é melhor, sabe? Tudo secreto, por favor, não diga a ninguém.

—Não o farei.

Continuaram a caminhar em silêncio, Valéria jogou o cabelo para trás e deixou escapar um gemido frustrado. Sem que soasse alto o suficiente para que as pessoas à sua volta o ouvissem, contudo, o suficiente para que Gregório ouvisse.

—O que foi...?

—Preciso de um trabalho. —Valéria interrompeu.

—Um trabalho, você? Para quê?

—Num horário vespertino.

Gregório olhou para frente e depois sorriu.

—Posso ajudar. —Sorriu.

O sorriso foi contagioso. Valéria olhou incrédula e também sorriu.



Quando Valéria passou na frente da casa de Marian, percebeu de longe que Nina estava com Rose e Argentina. Quando cruzou o olhar com Nina imediatamente virou o rosto e fixou o seu olhar no caminho. Não queria falar com ela, muito menos olhá-la. Sentia muito a sua falta. Era a sua melhor amiga no bairro inteiro. Mas ainda assim, estava um pouco ressentida. Sem importar a razão, Valéria sempre a apoiou em todas as suas decisões, inclusive tinha-a acobertado. Por isso não entendia porque era tão difícil fazer o mesmo com ela, supunha que eram melhores amigas.

—Tenho algo para te dizer —disse Nina apressadamente nas costas de Valéria.

Ela deu a volta e continuou a andar de costas.

—Sobre o porquê de o Sombra ser ruim para mim?

—Sim, —Atravessou o seu braço pelo ombro de Valéria, virando-a—, de fato, tenho muitas razões, investiguei toda a vida dele, só por ti, porque me preocupo contigo.

Valéria não sabia muito dele. Se passeasse pelas recordações da sua mente lembrava-se dele brincando com os outros meninos do bairro, mas nunca se relacionou com ela e nessa época ela não se interessava por meninos.

—Tem alguns segundos antes que te mande calar.

—A sua mãe suicidou-se, encontraram-na afogada na banheira de casa, onde o Sombra vive agora! E o seu pai. O seu pai casou-se com uma mulher mais velha e multimilionária dona de uma empresa conhecida, não sei por que, mas o Sombra não quer saber de nenhum deles, ainda assim, ele sustenta o Sombra. —Esfregou o dedo indicador com o polegar referindo-se ao dinheiro—. Há uns meses ele abusou das drogas e não se sabe se continua a usá-las. E há uma moça que diz estar saindo com ele, o seu nome é Laura. E é muito linda.

—Bom, quer que acredite em tudo?

—Pergunta para ele então. Por acaso não se lembras da polícia, quando a mãe dele morreu, fazendo perguntas para todo mundo?

Como ia se lembrar? Era apenas uma menina de dez anos. Ninguém perguntou nada para ela. Quando ouviu que uma senhora tinha morrido nem deu importância, além disso, os seus pais não contaram nem deixaram que se aproximasse daquele lugar por mais de uma semana.

—E se é verdade, o que é que tem de mal?

—Fora a parte de poder estar te enganando com outra... e que é drogado? Valéria! —Olhou séria—. Ele vai foder a sua vida e você vai permitir, por favor, lembra!

Valéria fechou a cara e continuou caminhando rápido, o seu coração palpitava forte, como se não aguentasse mais, chega de amigos por um tempo. Basta de todos.

Por um momento, nem o Sombra, nem ninguém, apenas queria estar sozinha... e respirar.

CAPÍTULO 13

JEANS APERTADO

—Ela é a Valéria.

A mulher morena olhou-a de cima a baixo, franze os lábios.

—Sabe fazer conta?

—Sim.

—Duas vezes mil e vinte e um?

—Dois mil e quarenta e dois... —respondeu após alguns segundos.

—Bom.

A mulher moveu-se atrás do balcão e Gregório e Valéria seguiram-na.

—Está bem, escute bem. Primeiro anota os pedidos, leva-a até Patrícia, ela te entrega o que foi solicitado e entrega o pedido ao cliente e cobra na mesma hora. Isto é uma caixa registradora e é aqui que cobra. E pronto.

—Ok —Valéria concordou.

—Nunca dê troco a mais.

Valéria concordou.

A mulher continuou a explicar coisas.

—Somos um estabelecimento de bebidas não alcoólicas, mas muitas vezes vêm alguns idiotas comprar bebidas de laranja, sentam-se naquela esquina e misturam com rum, embebedam-se e começam a dizer muitas besteiras. Ignore. Se passarem dos limites

mete a mão. Ou se não é o suficientemente valente chama a polícia, eles os levam daqui.

—E por que não proíbe que entrem?

—Eles são uma grande parte dos nossos consumidores.

—Entendo —assentiu.

—Vestimenta. —continuou a caminhar para o meio do estabelecimento—. Somos uma loja de mulheres lindas, mas não nos vestimos como vadias, o único homem que temos é o rapaz dos copos e está sempre enfiado lá atrás a esfregar coisas sujas. Não te preocupes com ele, finja que não existe. —Piscou o olho—. Um jeans com uma blusa de qualquer cor. Deixa seu decote ser visto, mas sem ser vulgar. —Valéria olhou para o seu decote quase inexistente que mal enchia uma taça, depois voltou a olhá-la—. Quando colocar o nosso avental não importará —disse referindo-se à vestimenta, passou-lhe um avental vermelho com uma bebida impressa nele e o logotipo de “Bebidas Fresa” abaixo. Que nome. Esse era o nome da mulher morena que lhe explicava as coisas—. E toma este boné. —Era um daqueles que tinha um buraco no topo, que deixava descoberta parte da sua cabeça—. Amanhã, domingo, começa a trabalhar.

—Muito obrigado. —Valéria olhou entusiasmada para Gregório.

—Ah e o seu pagamento será semanal, mil e quinhentos, ou se preferir quinzenal, três mil, ou mensal seis mil?

—Quinzenal está bom.

—Uma menina equilibrada, gosto disso. —Sorriu.

—Muito obrigado, Fresa —disse o Gregório.

—Faço qualquer coisa pelo meu sobrinho. —Olhou para Valéria de relance, as suas calças estavam um pouco largas—. Ah, outra coisa, calças muito apertadas, tão apertadas que não possa andar. Todos os homens gostam de ver bundas apertadas.

Bebidas Fresa estava localizado no mesmo distrito do bairro de Valéria, contudo numa zona diferente. As pessoas (rapazes na

verdade) não se davam bem com os do seu lado. Estava um pouco longe, a uns sete quarteirões da esquina e a uns dez da sua casa. Era preciso caminhar muito, no entanto, para ela, servia.

O primeiro dia de trabalho transcorreu normalmente, até que caiu a noite e um grupo de rapazes conseguiu deixá-la demasiado nervosa.

—É nova aqui? —Tocou na sua mão enquanto ela limpava o balcão.

—Bom, nunca estive aqui antes. —Levantou os olhos.

—Qual o seu nome, pequena? —perguntou um rapaz encostado no balcão.

—Sou mais alta que o teu amigo ali —respondeu.

—Ohhh! —Assobiaram.

—Tem de pinha? —perguntou um rapaz.

—Sim, quer um? —Tratou de ser profissional.

—Não, é melhor um de melancia com banana.

—Está bem. —Anotou num papel e foi lá atrás. Os meninos fizeram um alvoroço que a deixou incomodada.

—Tens um pequeno e traseiro —disse um deles. Tinha tranças para trás. Alguns riram.

—Isso é muito grosseiro. —Valéria desistiu e foi-se sentar.

—Ainda não dissemos que bebida queremos! —chamou—. Definitivamente vou falar com a Fresa para que não contrate gente ineficiente.

Valéria levantou de novo.

—Então peçam e deixem de me agredir verbalmente —advertiu sentindo o sangue ferver.

Apontou um por um e anotou o pedido. No canto esquerdo, o rapaz que Valéria ofendeu continuava olhando para ela. Ela apontou para ele com o lápis. Fixou o olhar, ele tinha olhos azuis.

—Você o que quer?

—A ti.



Valéria corou. Ia responder, mas ele voltou a abanar o dedo para onde estava apontando.

—Aqui —repetiu. Tinha dito aqui. Ouviu mal. Ele só estava apontando para o sabor maçã verde do cardápio de sabores que estava em cima do balcão.

—Maça verde?

—Sim, não sabe ler?

Valéria ignorou. Os rapazes foram-se sentar e Valéria foi lá atrás respirar e passar o pedido à Patrícia.

—Se quiser eu levo as bebidas. Fica aí, ok?

—Obrigado.

Ficou sentada, mas observava de longe eles sendo estúpidos, revirou os olhos, podiam ser mais estúpidos esses rapazes? Não, claro que não.



A tia de Valéria foi visita-la, ela passou a tarde toda conversando com a mãe de Valéria, tinha trago presentes para ela e os seus irmãozinhos. Também pediu para falar com Valéria porque não entendia como uma jovenzinha de dezessete anos ainda se vestia assim. Com calças de malha, roupas sem combinar, blusas com bonequinhos e calças largas.

Tinha trago várias roupas, não era grande quantidade, mas fazia muita diferença. Estava deixando para trás sua imagem de menina, pelo menos, por fora. Toda essa roupa estava caindo no esquecimento, ou Carol a herdava, e a pouca roupa que a tia Victória tinha trazido ganhou protagonismo.

Quando tia Victória e Valéria foram passear sozinhas no parque da cidade, Victória teve finalmente a oportunidade de conversar com ela.

Perguntou:



—Como vai a vida? —Notava a tristeza de Valéria. Já faziam dois dias que ignorava todo mundo e se isolava, além disso, Claribel tinha comentado com Victória que sua filha estava ficando malcriada e desinteressada de tudo. Isso era preocupante. Ela nunca foi assim.

Valéria, enquanto criança era a mais alegre de todas e sorria para todas as pessoas. Era fácil simpatizar com ela.

—Normal.

Victória podia decifrar o que se passava com sua sobrinha apenas olhando para ela notando sua cabeça para baixo e o balançar dos pés a roçar no chão.

—Apaixonada?

—Não... —Valéria respondeu rapidamente.

—Oh! Anda lá Valéria, sou sua tia, não uma desconhecida, pode confiar em mim. —Piscou um olho, Valéria tirou o cabelo do rosto e observou-a.

—Talvez.

—Por que sofre então! —Era mais uma exclamação que uma pergunta.

Valéria mordeu o lábio.

—Acho que o amo. —Na sua voz sentia-se que ia chorar, mas reteve as lágrimas—. Tia, quem disse primeiro “eu te amo”? Você ou o seu marido?

—Ele disse: “Escuta, eu te amo”, eu, ri na cara dele, e disse que não estava apaixonada, sabe o que ele me respondeu?

Valéria negou. Pois claro que não sabia. Por que não se limitava a responder à pergunta e pronto?

—“Não me importa, de todas as maneiras já te dei meu coração”. E me entreguei. Desde esse momento fui dele, é como se uma faísca surgisse e me apaixonei imediatamente.

—Uma mulher pode se declarar primeiro?

Victória levantou os ombros.

—Sim, por que não? Diga a ele como se sente. Estamos no século vinte e um, no século vinte éramos muito antiquados. —Valéria se perdeu em pensamentos—. Diz isso porque quer transar com ele ou porque já aconteceu?

Nesse instante o rosto de Valéria ficou pálido e negou.

—Eu não disse...

—Não precisa se envergonhar a sexualidade não é para causar alvoroço. Eu perdi a minha virgindade com catorze, por isso se você perdeu aos dezessete não irei te julgar, irei te dar os parabéns por esperar tanto. —Riu, mas Valéria não o fez—. Agora escute, não quero que esteja com alguém sem amor, vai se magoar. Esclarece as coisas, se não, dê-as por terminadas.

Valéria deixou de olhar para a sua tia e olhou como um carro ultrapassava outro do outro lado da rua.

—Quem dera fosse tão fácil.

—Ou segue o seu coração.

—Ah não tia, não me diga que vai falar de contos de princesas porque nunca sabemos o que acontecesse depois do feliz para sempre.

—Faz o que parecer correto, é uma menina sã, forte e linda. Não deixe que ninguém te faça pensar o contrário. É forte Valéria. Com os teus irmãos, com a casa agora que o seu pai não está. Você e sua mãe têm sido tudo para seus irmãozinhos e vão continuar seguindo em frente.

Valéria ficou em silêncio.

—Emprestei o dinheiro para sua mãe pagar uma parte da hipoteca, me pagará quando puder. —Na verdade, Valéria era quem iria pagar com o seu novo salário—. E sobre o rapaz, se te magoar me avise que parto a cara dele. E sobre o sexo, você é quem decide quando está pronta, mais ninguém.



A tia de Valéria ia de táxi para casa e deixou dinheiro com Valéria para que pegasse outro para sua casa. Mas quando sua tia foi embora ela guardou o dinheiro e foi a pé para casa.



Estava quase escuro. Valéria guardava numa bolsa que levava junto ao corpo um par de bolachas para Ben que tinha feito na casa de Sabrina. Tinha tantas coisas para falar com ele que nem sabia por onde começar.

Ao mesmo tempo tinha medo. Supunha que não devia perguntar ao Ben nada sobre sua vida, uma vez cometeu esse erro, ela já sabia como ele ficava. Frio, distante, chateado, triste. Contudo devia fazê-lo, devia perguntar por que ficar com dúvida era como cavar um buraco que ficava cada vez mais fundo.

Sentia câimbras nas pernas e a sua face ardia. Não entendia por que o seu corpo reagia assim, com um grande nó no estômago e as mãos frias. Só ia contar sobre o seu novo trabalho. Mas deveria dizer quem o tinha conseguido, e se se chateasse?

Também queria perguntar pela mãe dele. Porém sabia que era muito mais difícil. Ele não falava disso, ainda deve estar magoado? Não queria arriscar que ele se fechasse e nunca mais possa ser sincera com ele.

Outra coisa que a estava enlouquecendo, a situação das drogas. No colégio tinham explicado muito bem o seu efeito nocivo. Por que usava? Nem acreditava. Na verdade, para Valéria, Ben era a melhor pessoa do mundo.

Apertou demasiado a bolsa. Temeu ter despedaçado as bolachas, por isso examinou-as, as suas mãos também tremiam e não sabia a razão. Então algo passou pela sua mente. Quem era Laura? Ele não gostava de ter namoradas, só amigas. Mas Laura



supostamente afirmava ser sua namorada. Quem era? Por que não tinha ouvido falar dela?

Por que ninguém fala sobre a vida do Sombra.

Bateu na porta, então uma menina a girou e encostou-a na parede. Era Estefani.

—Eu sabia! —disse em tom acusador.

Valéria não soube o que responder.

—Gosta dele. Mas sabe o que está fazendo? Tem ao menos ideia? Ele está muito fodido, Valéria, pelo amor de Deus.

A porta abriu-se. As mãos de Ben impediram que Valéria caísse de costas. Olhou confuso para as duas garotas, lançou uma maldição em voz baixa.

Estefani se afastou um pouco;

—Espera, você sabia... que ela viria?

—Estefani, o que você quer? —perguntou com voz rouca. Parecia que ele estava dormindo. Tinha marcas da almofada na cara. Porém se tivesse dormindo, não tinha aberto a porta tão rápido.

—É o pior ser humano do mundo —disse enquanto cruzava os braços.

—Está certo, agora chega ok, quem você pensa que é para falar assim? —Valéria saltou defensiva. Ben não era uma má pessoa, por que todos insistiam em afirmar isso?

—Cala a boca.

—Estefani, não fala com ela assim.

Estefani bufou.

—Então utilizavam o Gregório, como bode expiatório? Oh... Espera... essa é a garota que vem na sua casa? Valéria, por Deus, pensei que era mais séria.

—Estefani —adverteu-a.

—Benjamin! —Olhou para Valéria—. O que você espera dele?

—Ela não espera nada, vai embora Estefani. —Ben terminou de sair de casa e empurrou Valéria para dentro.

O céu estava laranja. Escurecendo. Clima temperado, pois o ar de janeiro ainda estava à porta. Há esta hora Ben preparava-se para sair. Mas hoje não tinha pensado fazer.

—Esperem, vocês têm alguma coisa? —Valéria olhou para os dois. Sentiu uma dor no peito. Seria Estefani na realidade “Laura”?

—A mãe dele era sobrinha da minha mãe, sou tia de segundo grau dele —disse como se Valéria já soubesse. O problema é que Valéria não se metia em nada que não fosse assunto seu. Aprendeu isso à base de castigos e palmadas dos seus pais. Não podia se meter em conversas alheias, nem investigar a vida de ninguém.

—Mas tem quase a minha idade. —Valéria pensou que estavam zombando dela.

—Tem dezoito? Eu pensei que tinha quinze.

—Tenho dezessete. —Os seus dentes apertaram-se. Ela não era uma menina. Claro que sabia o que fazia.

—Ah, está certo. —Mexeu-se—. É uma adulta, por isso acredita que isso é amor?

Valéria não respondeu e Ben voltou a empurrá-la para dentro.

Olhou para Estefani antes de fechar a porta.

—Não se meta —murmurou para que só ela ouvisse.

Lá dentro Valéria tirou o guardanapo aonde vinham embrulhadas as bolachas, sentiu-se decepcionada quando viu que tinham esmigalhado. Sentiu que ia chorar. Soube que tudo ia dar errado.

—Por que diabos veio aqui em plena luz do dia?

Mas nem sequer estava de dia, já estava escurecendo.

—Valéria, por Deus, não sabe como guardar um segredo?

—Queria te trazer bolachas. —O seu lábio tremeu.

Que loucura passou por sua cabeça? Quantos mais a teriam visto? Mas já não os tinham sido vistos por pessoas suficientes no dia em que ele mesmo a acompanhou até sua casa? Por que preocupava tanto que todos soubessem?

Não queria ficar de mal na história, ou talvez, fosse porque simplesmente não era algo sério. Não a amava, se todos descobrissem iam taxa-la como mais um dos casos do Sombra. Isso o deixaria doente.

Valéria abriu o guardanapo. Ben tomo-o das mãos trêmulas dela e lançou tudo na pia.

—Por migalhas! —disse como se não acreditasse—, por umas estúpidas migalhas colocou sua reputação em jogo. Está de novo agindo com estupidez.

—Sinto muito, —Não saiu do lugar—, desculpa perdão... —repetiu—. Também vim te contar uma coisa.

Quando o Sombra ouviu o seu tom de voz debilitado acalmou-se. Baixou os ombros e o seu queixo. Tentou aproximar-se, mas ela, por reflexo, afastou-se.

—Estou num trabalho de meio período faz quatro dias.

Ben sentou-se no chão com as mãos no queixo.

—Fala sério? Quatro dias?

—Sim.

—Onde?

—Bebidas Fresa, entro às três da tarde, saio às nove da noite dependendo de como tudo esteja. Hoje entro às sete. Por isso vim te ver antes, para te contar. Entre as aulas e o trabalho chego muito esgotada para poder vir te ver. Queria dar uma explicação.

—Não tem que me dar explicação. Você não tem obrigação de vir, por Deus, Valéria, grava isso na sua cabeça.

—Eu sei. —Piscou várias vezes para não chorar.

Apertou a mandíbula enquanto dizia:

—Já me disse várias vezes que não estou obrigada a vir. Mas sei que diz da boca para fora. Sabe que vou voltar sempre.

Ben não suportou continuar a olha-la nos olhos. Em vez disso, meditou sobre o trabalho de Valéria. Do outro lado do bairro, no território dos Norcuros.

—O Gregório te arrumou um trabalho nessa pocilga? —Ben levantou ambas as sobrancelhas.

Fresa era tia de Gregório. Estava claro que tinha sido ele. Nesse momento pareceu burrice do seu melhor amigo, como se atreveu a colocar Valéria ali. Nesse lado onde ele não tinha exatamente o controle.

—Mas eu preciso. Fui conversar com o dono da casa para pedir um prazo maior. Vou pagá-lo com tudo que ganhar o mais rápido possível e ele prometeu paralisar os trâmites do despejo. Não posso permitir que nos coloquem na rua, Ben. E este trabalho não é nada. Não importa o que seja e não é uma pocilga, a Fresa tem tudo muito bem organizado. São cores chamativas e a menina que trabalha comigo é simpática.

—Do lado dos Norcuros.

—E o que tem de mal?

—Nada —respondeu rapidamente. De repente sentiu sede. Levantou-se e foi ao armário, pegou um copo, passou uma água e abriu a geladeira. Tirou um jarro com água quase gelada e encheu o copo. Quase transbordou, os lados começaram-se a condensar. Bebeu a água de uma só vez e Valéria apenas observou como a sua garganta engolia o líquido.

—Por que isso é tão ruim?

Não queria contar nada sobre isso. Só tinha que ser mais precavido. Só tinha de afastá-la dele.

—Alguém te incomodou?

Valéria pensou nos comentários sexistas dos rapazes que lá iam, sem falta, todas as noites. Mas eles eram clientes. Não podia reclamar deles.

—Não.

—Você tem que ir as sete hoje? Que horas pretende sair de lá?

—Não sei.

—E se alguém te fizer mal?

—Não tinha pensado nisso.

O Sombra aproximou-se de Valéria. Olhou-a como quem procura algo.

—E você é minha?

—Q-Quê? —A voz de Valéria tremeu.

—Esquece, —Afastou-se dela. Procurou um trapo para secar a água que derramou no chão—, vai embora, Valéria.

—Também queria te perguntar uma coisa. —Foi a única coisa que sua boca conseguiu articular.

—Vai embora, Valéria —repetiu.

Então percebeu que ele falava sério. Embora ele nunca a tivesse mandado embora de sua casa. Não quis que continuasse mais ali.